

PERSPETIVAS

Debate sobre temas fundamentais
em morfologia urbana

A morfologia urbana na Escola Superior Gallaecia (ESG)

David L. Viana, Escola Superior Gallaecia, Largo das Oliveiras, 4920-275, Vila Nova de Cerveira, Portugal. E-mail: david.leite.viana@esg.pt e **Gilberto D. Carlos**, Escola Superior Gallaecia, Largo das Oliveiras, 4920-275, Vila Nova de Cerveira, Portugal. E-mail: gilbertocarlos@esg.pt

A aprendizagem sobre a forma urbana no Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo (MIAU) da Escola Superior Gallaecia (ESG) verifica-se de modo diacrónico, articulando a progressiva amplitude de contextos a intervir e a complexidade programática dos exercícios propostos, desenvolvidos – essencialmente – no âmbito de Unidades Curriculares (UC's) de Projeto. Esta perspetiva consubstancia-se com o decorrer do Plano de Estudos ao longo de cinco anos.

O ciclo de estudos estrutura-se em semestres temáticos, promovendo-se – complementarmente – a convergência dos conteúdos das diferentes UC's de cada semestre para o Projeto correspondente. Não obstante os semestres iniciais do Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo focarem ainda conteúdos de pendor mais generalista – visando a sistematização de processos, domínio de ferramentas analógicas e digitais e o ensaio de metodologias próprias do Projeto de Arquitetura e/ou Urbano – a especificidade temática da forma dos assentamentos está presente na problematização de tecidos e na verificação dos elementos que os configuram, não esquecendo os agentes que participam na respetiva conformação.

A consciencialização dos estudantes para a

relevância da compreensão da forma dos agregados traduz-se no âmbito das análises relativas ao suporte territorial das diferentes áreas em estudo, aprofundando condicionantes geográficas (físicas e humanas), interpretando aspetos da topografia, considerando o clima, atendendo aos recursos, equacionando características sociais e culturais da história local, enquadrando infraestruturas coletivas e tipologias de povoamentos – seu tecido edificado e respetivas redes – independentemente das escalas de trabalho das intervenções arquitetónicas e/ou urbanísticas preconizadas pelos estudantes.

O conjunto de preocupações acima indicado é enunciado nos exercícios apresentados pelos docentes e pretendem reforçar a noção que qualquer intervenção arquitetónica e/ou urbanística determina uma transformação do território que extravasa – quase sempre – o domínio e o limite físico da proposta desenvolvida. Considerando isto, o primeiro ano do ciclo de estudos parte da aprendizagem de métodos de levantamento em contextos vernáculos de assentamento e em leituras críticas dos valores que contribuem para a estruturação do mesmo e seu tecido humano. O conhecimento assim sistematizado é vertido pelos estudantes para as suas soluções projetuais.



Figura 1. Redesenho do tecido urbano de um assentamento (estudante: Raquel Gonzalez).



Figura 2. Utilização de *processing* na análise morfológica de fluxos e dinâmicas urbanas de um assentamento (estudante: Tiago Gomes)

O segundo ano caracteriza-se pelo adensamento do estudo da tipologia arquitetónica e os sistemas de agregação elementares, com profusão não só horizontal, mas também vertical e/ou mista. Os exercícios de projeto sugeridos visam a prossecução de modelos capazes de operarem em tecidos urbanos compactos e/ou dispersos. Concomitantemente, a rua, a praça, os quarteirões (fechados e/ou abertos), a torre, entre outros elementos urbanos, são articulados com constituintes da paisagem, com os traçados e com as dinâmicas de formas urbanas consolidadas.

No término da primeira parte do ciclo de estudos, correspondente ao terceiro ano, a forma urbana é tratada de modo integrado a partir da escala do quarteirão, tendo por base a tipomorfologia e as relações estabelecidas com a envolvente próxima. A singularidade morfológica e a multifuncionalidade de usos do quarteirão em análise são verificadas tendo presente a tipologia do edificado e o processo de consolidação (ou definimento) urbano do mesmo, enquadrando diacrónica e sincronicamente a respetiva

transformação espaço-temporal no seu contexto urbano. O *continuum* quarteirão-cidade é enquadrado enquanto sistema resultante da construção no espaço e no tempo de um organismo urbano que importa entender enquanto tal.

Após os três primeiros anos do ciclo de estudos, conducentes à Licenciatura, o segundo ciclo do Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo assume-se menos generalista, como referido para o primeiro ciclo, mas mais direcionado para o Urbanismo e o Património. Deste modo, no primeiro semestre do quarto ano, a focagem dos conteúdos curriculares está centrada no território (seus sistemas naturais e artificiais) e respetiva estruturação regional, na articulação de contextos urbanos (principalmente transfronteiriços), história das cidades, teoria urbanística e na morfologia urbana (atendendo à pluralidade de abordagens e possibilidades de mapeamentos) – versando, na planificação, problemáticas como o difuso urbano, a fragmentação de tecidos, a dispersão da

construção e o papel de grandes infraestruturas e equipamentos na modificação de atividades urbanas, dinâmicas de usos e apropriação. São ensaiadas e combinadas abordagens morfológicas, como a tipológico-processual, histórico-geográfica, normativa, quantitativas, etc.

Na vertente do Património, procura-se dar atenção à singularidade de assentamentos vernáculos e/ou tradicionais, configurando conjuntos homogêneos e consolidados, em que a especificidade do edificado provém do saber-fazer local e do conhecimento empírico sobre técnicas, tecnologias e recursos de proximidade – assentes em lógicas colaborativas.

No último ano do Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo, principalmente no segundo semestre do quinto ano do ciclo de estudos, no quadro da UC de Projeto Dissertação, os estudantes aprofundam os seus conhecimentos nestas áreas, sendo que se verifica uma convergência informal entre os interesses de investigação destes e os principais âmbitos de pesquisa do Centro de Investigação da Escola Superior Gallaecia (CIESG). Assim, a aprendizagem sobre a morfologia urbana consolida-se a partir de dissertações que incidem sobre a transformação de formas urbanas de vilas e cidades do Alto Minho e da Galiza. Nestes trabalhos, o redesenho cartográfico é estruturante para a realização das dissertações, ensaiando-se, explorando-se e combinando-se diferentes ‘escolas’ de análise morfológica, desde a ‘Muratoriana’ à ‘Conzeniana’, à Teoria da Lógica Social do Espaço (Hillier e Hanson), não esquecendo Lynch, Cullen e a linguagem de padrões (Alexander), para além de linguagens computacionais, como o *processing*, no rastreamento de fluxos e na simulação de tendências de percursos e apropriação de formas urbanas.

Como referido, a pesquisa resultante por esta via complementa a que é desenvolvida pelos investigadores do CIESG nas linhas a que estão afetos, nomeadamente a de Arquitetura e Património e a do Território, Ambiente e Urbanismo. Esta última está organizada em quatro campos de estudo, a saber: Território Transfronteiriço e Conetividade Urbana e Ambiental; Recursos Naturais e Dinâmicas Espaciais; Morfologia Urbana e Metodologias de Análise; Observatório do Urbanismo e Território Transfronteiriço (OUTT). Procura-se que haja uma articulação entre o que marca a singularidade do ciclo de estudos no quadro da oferta formativa universitária e a especificidade dos domínios de investigação do CIESG – em que a morfologia urbana é um dos ligantes desta relação.

Bibliografia em Morfologia Urbana

- Alexander, C., Neis, H., Anninou, A. e King, I. (1987) *A new theory of urban design* (Oxford University Press, Nova Iorque).
- Alexander, C., Ishikawa, S. e Silverstein, M. (1977) *A pattered language* (Oxford University Press, Nova Iorque).
- Aymonino, C. (1977) *Lo studio del fenomeni urbani* (Officina Edizioni, Roma).
- Batty, M. (2009) ‘Cities as complex systems: scaling, interaction, networks, dynamics and urban morphologies’ em Robert, A. M. (ed.) *Encyclopedia of complexity and systems science*, 1041-71.
- Bosselmann, P. (2008) *Urban transformation: understanding city design and form* (Island Press, Washington).
- Caniggia, G. e Maffei, G. L. (1979) *Composizione architettonica e tipologia edilizia: 1. Lettura dell’edilizia di base; 2. Progetto nell’edilizia di base* (Marsilio, Veneza).
- Cataldi, G., Luigi, G. e Vaccaro, P. (2002) ‘Saverio Muratori and the Italian school of planning typology’, *Urban Morphology* 6, 3-14.
- Conzen, M. P. (2009) ‘How cities internalize their former urban fringes: a cross-cultural comparison’, *Urban Morphology* 13, 29-54.
- Cullen, G. (1961) *Townscape* (The Architectural Press, Londres).
- Coelho, C. D. (coord.) (2013) *Os elementos urbanos* (Argumentum, Lisboa).
- Coelho, C. D. (coord.) (2014) *O tempo e a forma, Cadernos de Morfologia Urbana* (Argumentum, Lisboa).
- El-Khouly, T. e Penn, A. (2012) ‘Order, structure and disorder in space syntax and linkography: intelligibility, entropy, and complexity measures’, *8th International Space Syntax Symposium*, Santiago do Chile, 3 a 6 de Janeiro.
- Geddes, P. (1915) *Cities in evolution: an introduction to the town planning movement and to the study of civics* (Oxford University Press, Londres).
- Griffiths, S., Jones, C. E., Vaughan, L. e Haklay, M. (2010) ‘The persistence of suburban centres in Greater London: combining Conzenian and space syntax approaches’, *Urban Morphology* 14, 85-99.
- Hillier, B. (2007) *Space is the machine: a configurational theory of architecture* (Cambridge University Press, Cambridge).
- Hillier, B. (2001) ‘A theory of the city as object: or, how spatial laws mediate the social construction of urban space’, *3rd International Space Syntax Symposium*, Atlanta, 7 a 11 de Maio.

- Hillier, B. (2000) 'Centrality as a process: accounting for attraction inequalities in deformed grids', *Urban Design International* 3/4, 107-27.
- Hillier, B., Greene, M. e Desyllas, J. (2000) 'Self-generated neighbourhoods: the role of urban form in the consolidation of informal settlements', *Urban Design International* 5, 61-96.
- Hillier, B. e Hanson, J. (1984) *The social logic of space* (Cambridge University Press, Cambridge).
- Jacobs, J. (1961) *The death and life of great American cities* (Random House, Nova Iorque).
- Lefebvre, H. (1974) *La production de l'espace* (Anthropos, Paris).
- Lynch, K. (1960) *The image of the city* (The MIT Press, Cambridge).
- Marshal, S. (2005) *Streets & patterns* (Spon Press, Londres).
- Martinelli, M. (2005) 'Cartografia dinâmica: tempo e espaço nos mapas', *GEOUSP – Espaço e Tempo* 18, 53-66.
- Medeiros, V. (2013) *Urbis Brasiliae: o labirinto das cidades brasileiras* (Editora Universidade de Brasília, Brasília).
- Muratori, S. (1959) *Studi per una opernte storia urbana di Venezia* (Istituto Poligrafico dello Stato, Roma).
- Nold, C. (2004) *Emotional cartography: technologies of the self* (Creative Commons, California).
- Osmond, P. (2010) 'The urban structural unit: towards a descriptive framework to support urban analysis and planning', *Urban Morphology* 14, 5-20.
- Panerai, P., Castex, J., Depaule, J. C. e Samuels, I. (2004) *Urban forms: the death and life of the urban block* (Architectural Press, Oxford).
- Portugali, J. (2011) *Complexity, cognition and the city* (Springer, Londres).
- Provoost, M. (ed.) (2010) *New towns for the 21st century: the planned vs. the unplanned city* (International New Town Institute/SUN, Amsterdão).
- Rodriguez-Tarduchy, M., Grandal, I. e Ontiveros, E. (2011) *Forma y ciudad: en los limites de la arquitectura y el urbanismo* (CinterDivulgación Técnica SLL, Madrid).
- Stolk, E. e Brommelstroet, M. (eds.) (2009) *Model town: using urban simulation in new town planning* (International New Town Institute/SUN, Amsterdão).
- Valdivia, J. (coord.) (2004) *Constructores de la ciudad contemporánea: aproximación disciplinar a través de los textos* (Universidad de Navarra, Navarra).
- Weinstock, M. (ed.) (2013) *System city: infrastructure and the space of flows* (Architectural Design, Londres).
- Whitehand, J. W. (2009) 'The structure of urban landscapes: strengthening research and practise', *Urban Morphology* 13, 5-27.

A morfologia urbana como base para a formação urbanística dos arquitetos. A experiência da Escola de Arquitetura de Toledo

Eloy Solís, Escuela de Arquitectura, Universidad de Castilla-La Mancha, Campus Tecnológico de la Fábrica de Armas Edificio 21, Avenida Carlos III s/n, Toledo, Espanha. E-mail: eloy.solis@uclm.es e **Borja Ruiz-Apilánez**, Escuela de Arquitectura, Universidad de Castilla-La Mancha, Campus Tecnológico de la Fábrica de Armas Edificio 21, Avenida Carlos III s/n, Toledo, Espanha. E-mail: borja.ruizapilanez@uclm.es

Em 2010, a Escola de Arquitetura da UCLM abre as suas portas em Toledo. O ensino do urbanismo está presente nos cinco anos do curso de arquitetura vinculando-se sempre a um *atelier* de grupo. O curso tem uma forte componente prática, que nos dois primeiros anos é fundamentalmente analítica.

Consideramos fundamental conseguir que os

estudantes tomem consciência que os fenómenos urbanos têm duas componentes fundamentais, uma física e outra social, que são interdependentes. Os arquitetos e urbanistas, ao definirem a primeira condicionam a segunda e, portanto, é importante conhecer e estudar as relações existentes entre ambas. É por isso que o estudo da forma urbana constitui a base da

formação urbanística que propomos.

Partilhamos aqui a proposta docente da parte de urbanismo dos *Ateliers* I e II, dirigidos por Ruiz-Apilánez e Solís, respetivamente. Ambos desenvolvem-se em quinze semanas e num total de 60 e 45 horas letivas. Utilizamos diversos métodos de ensino: aulas magistrais (semanais), aulas práticas de análise morfológica e leituras e debates centrados sobre as últimas (quinzenais). Em cada *atelier* participam 50 alunos, sendo que as aulas práticas funcionam com grupos de três a cinco.

Atelier I: o primeiro contacto com a morfologia urbana

O objetivo da disciplina é introduzir os alunos: i) na complexidade dos fenómenos urbanos, ii) na sua dimensão social e física, iii) no estudo da forma urbana e dos seus elementos, e iv) na história da cidade posterior à revolução industrial.

As aulas práticas incluem uma parte de trabalho de grupo e outra individual. Cada uma delas realiza-se em duas semanas e cada grupo tem um caso de estudo diferente, no qual trabalha ao longo de todo o semestre. Os casos de estudo estão sempre relacionados com algum episódio notável da história do urbanismo ocidental dos últimos dois séculos – desde o plano de Haussmann para Paris até aos desenvolvimentos urbanos da ilha de Java e na península do Borneo em Amesterdão.

Cada aula prática centra a análise morfológica em um ou dois elementos, sendo estes e as suas escalas de trabalho, diferentes em cada exercício. A primeira aula prática estuda a cidade no seu conjunto, representando à escala 1 : 50 000 os elementos naturais e humanos mais relevantes, procurando encontrar o limite do urbano. Na segunda aula prática estuda-se a rede viária e os espaços públicos, representando-a esquematicamente à escala 1 : 10 000 e no formato DIN A3, realizando planos figura-fundo de 1 km² (com a rede viária a preto), e caracterizando-a através de alguns parâmetros como a ocupação, os km de rede viária por km², e o número de interseções por km de rede viária por km².

As seguintes três aulas práticas, ocupam-se, respetivamente, dos quarteirões e das parcelas, dos edifícios e dos seus usos, das ruas e do limite público-privado, usando escalas cada vez mais próximas. Finalmente, a última aula prática consiste na comparação de cada caso de estudo com os restantes.

No que se refere a ferramentas de trabalho, a partir deste ano, recomenda-se aos alunos realizarem os desenhos à mão, apesar de também

utilizarem ferramentas informáticas no processo de elaboração dos painéis finais das aulas práticas. O objetivo é fomentar a destreza no uso das diferentes escalas e a tomada de consciência das dimensões reais dos elementos urbanos que estão a analisar.

As seis leituras variam de ano para ano, e os autores abordados vão desde Camillo Sitte até Peter Hall, passando por Cerdá, Howard, Le Corbusier, Lynch, Rossi, Jacobs e Alexander.

Atelier II: um semestre exclusivamente dedicado à morfologia urbana

Esta disciplina persegue quatro grandes objetivos: i) entender a influência de múltiplos fatores (tecnológicos, económicos, sociais, culturais, políticos e ambientais) no crescimento e na transformação da forma da cidade; ii) fornecer uma metodologia clara e bem definida para descrever e analisar as formas urbanas; iii) identificar as diferentes formas urbanas que constituem a cidade atual; e iv) compreender as características físicas e socioeconómicas diferenciadoras das formas e avaliar criticamente como é que estas afetam / influenciam os modos de vida diários.

Este *atelier* apresenta ao aluno, numa perspetiva dinâmica, os principais fatores, processos e agentes que influenciam o crescimento das cidades. Após esta visão geral e introdutória, o enfoque é colocado na análise teórica e empírica das formas de crescimento urbano, diferenciando entre as formas canónicas – centro histórico, *ensanche*, moradia unifamiliar, edifício isolado, novos *ensanches*, tecidos produtivos e de consumo – e outras configurações urbanas – equipamentos, urbanização marginal, etc. As aulas teóricas complementam-se com leituras e exercícios de análise e mapeamento de diferentes áreas urbanas.

As aulas teóricas abordam os seguintes temas: i) o crescimento urbano, ii) a forma urbana, iii) os centros históricos, iv) a expansão, v) a habitação unifamiliar, vi) o edifício isolado, vii) as novas expansões, viii) os tecidos produtivos e de consumo, e ix) outras configurações urbanas.

Os dois exercícios práticos tomam como laboratório a cidade de Toledo. O primeiro analisa o crescimento urbano da cidade de Toledo através de plantas históricas e dados socioeconómicos (população, etc.). O segundo centra-se no estudo de diferentes formas urbanas à escala 1: 2 000 desenvolvendo cálculos paramétricos sobre os elementos físicos configuradores da forma urbana (edifícios, parcelas, quarteirões, ruas e espaços abertos) e comentários sobre os mesmos. Os comentários apoiam-se nas aulas teóricas e na

leitura obrigatória sobre cada forma urbana.

Tradução

O texto original foi traduzido para Português por

Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro, que agradecem a Borja Ruiz-Apilánz a disponibilidade permanente ao longo deste processo.

Ensino da Morfologia Urbana. A experiência da FAU-UB

Frederico de Holanda, Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - CEP 70910-900, Brasil. E-mail: fredholanda44@gmail.com

Introdução

Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UB), Distrito Federal, Brasil, o ensino / aprendizado da morfologia urbana dá-se no âmbito da Teoria e no âmbito do Projeto. No primeiro, há uma subdivisão entre ‘teoria e história’ e ‘tecnologia’. Os conteúdos são oferecidos em três departamentos correlatos aos âmbitos: Projeto, Teoria e História, e Tecnologia.

No âmbito da Teoria, disciplinas ‘analíticas’ abordam implicações específicas da configuração urbana. No segundo caso (Projeto), disciplinas ‘propositivas’ analisam criticamente uma área da cidade e realizam proposta para aperfeiçoar indicadores, visando melhor atendimento às expectativas sociais ante a configuração urbana. No primeiro caso (Teoria), aprofunda-se o conhecimento de uma certa ‘dimensão’ da arquitetura; no segundo (Projeto), a abordagem é ‘holística’: uma proposta inclui necessariamente a consideração do maior número possível de implicações, idealmente todas.

Dimensões morfológicas

Há cerca de trinta anos foi feita uma reforma curricular que, com pequenas modificações, dura até hoje. Foi em boa parte influenciada pelo grupo de pesquisa que desde então coordena: Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização (DIMPU).

A fundação do grupo partiu da ideia de que vários colegas, isoladamente, tratavam da configuração da cidade, porém de maneira descoordenada e com abordagens pouco explicitadas (e por vezes redundantes). Reunidos em grupo, explicitamos e delimitamos fronteiras mais claras entre as várias abordagens que, isoladamente, vinham sendo desenvolvidas. Resultou a definição de ‘dimensões’, ou ‘aspectos

de desempenho’ da configuração urbana, passíveis de serem aprofundadas, e relacionadas os vários tipos de ‘expectativas’ que temos em relação à arquitetura (no caso, da cidade, mas o procedimento vale para todas as escalas arquitetônicas e, de fato, vem sendo aplicado a elas). Isso gerou uma série de neologismos semijocosos: ‘dimpar’ um bairro é aplicar a análise segundo as *dimensões*; ‘dimpianos’ são os professores / pesquisadores / alunos afeiçãoados ao processo; agir ‘dimpianamente’ implica reconhecer que a arquitetura é feita de múltiplas ‘dimensões’, por vezes – ou quase sempre – contraditórias, e atuar como tal.

A seguir ofereço uma definição sumária das ‘dimensões’ ou ‘aspectos’, por meio de perguntas que os alunos devem se colocar ao se deparar com uma situação analítica ou de projeto.

Aspectos funcionais. O lugar satisfaz as exigências práticas da vida cotidiana em termos de tipo e quantidade de espaços para as atividades, e seu inter-relacionamento?

Aspectos bioclimáticos. O lugar implica condições adequadas de iluminação, acústica, temperatura, umidade, velocidade do vento e qualidade do ar?

Aspectos econômicos. Os custos de implementação, manutenção e uso dos lugares são compatíveis com o poder aquisitivo das pessoas implicadas?

Aspectos sociológicos. A configuração arquitetônica (vazios, cheios e suas relações) implica maneiras desejáveis de indivíduos e grupos (classes sociais, gênero, gerações etc.) localizar-se nos lugares e mover-se por eles, e, conseqüentemente, condições desejadas para encontros e esquivaças interpessoais, e para visibilidade do outro? O tipo, quantidade e localização relativa das atividades implicam desejáveis padrões de utilização dos lugares, no espaço e no tempo?

Aspectos topoceptivos (neologismo criado por Kohlsdorf, 1996). O lugar é ‘legível’

visualmente, i. é, ele tem uma identidade, é facilmente ‘memorável’? O lugar oferece boas condições para a ‘orientabilidade’?

Aspectos afetivos. O lugar tem uma personalidade afetiva? Como ele impacta o estado emocional das pessoas – p. ex., quanto a se é aconchegante, agorafóbico, arrogante, austero, banal, calmo, caótico, claustrofóbico, comum, despojado, dinâmico, dramático, esquisito, estático, exibicionista, forte, frio, humilde, informal, inseguro, introspectivo, leve, protetor, seguro, severo, singelo, sóbrio, solene, surpreendente, tranquilo etc.? (A lista de emoções é infinda...)

Aspectos simbólicos. O lugar é rico em elementos arquitetônicos que remetam a outros elementos, maiores que o lugar, em várias escalas, ou a elementos de natureza diversa – valores, ideias, história? (uma coluna a simbolizar um edifício – como no Palácio da Alvorada, Brasília; um edifício a simbolizar uma rua; uma rua, a um bairro; um bairro, a uma cidade; uma cidade, a um país...)

Aspectos estéticos. O lugar é ‘belo’, i. é, há características de um todo estruturado e qualidades, por exemplo, de simplicidade / complexidade, igualdade / dominância, similaridade / diferença, que remetem a padrões a implicarem o puro deleite dos sentidos para além de questões práticas? O lugar é uma ‘obra de arte’, por veicular uma visão de mundo? Sua configuração implica uma filosofia? (discussão extensa está em Holanda, 2013).

O importante na reflexão não é serem oito dimensões (como acima), ou três (como queria Vitruvius: *commoditas, firmitas e venustas*), ou quatro, como propuseram, em texto seminal, Bill Hillier e Adrian Leaman nos anos 1970 – arquitetura como *behaviour modifier, resources modifier, symbolic modifier e climatic modifier* (Hillier e Leaman, 1974). O importante é aceitar que ‘esperamos’ da arquitetura múltiplos ‘tipos’ de desempenho e devemos investigá-la e (re)propô-la de acordo com a ideia.

Concluindo: ciência e ética

Outra clivagem pode ser estabelecida entre as disciplinas ‘analíticas’ e as ‘propositivas’. As primeiras, estão no campo da ciência: estudam o ‘mundo como é’. As segundas, no campo da ética: o mundo ‘como deve ser’.

A clivagem não é absoluta, não são âmbitos a pertencer exclusivamente a cada conjunto de disciplinas, teórico-tecnológicas ou projetuais. Mas a distinção é fundamental – sem ela, há motivo de muita confusão pelos alunos. Demora, antes que se deem conta de que, ‘primeiro’, devem entender o mundo como é, devem agir cientificamente. Devem saber estabelecer relações entre ‘configurações’ e ‘expectativas sociais’. Devem saber a que expectativas certas configurações atendem – assim como a que ‘não’ atendem. Devem saber que seu traço não é ‘nunca’ inocente: ele tem implicações ‘intrínsecas’ quanto a comportamentos humanos. A construção do conhecimento objetivo é o núcleo das disciplinas analíticas.

Nas disciplinas projetuais trata-se de ‘informar’ as propostas holísticas com o conhecimento analítico. Com isso, os alunos estarão aparelhados para fazer ‘escolhas éticas’, baseadas em ‘valores’. Sem isso, poderão, por seu traço, mirar o que desejam, mas atingirem o que almejavam evitar; sem isso, serão vítimas das arapucas ideológicas que a realidade nos arma diuturnamente.

Referências

- Hillier, B. e Leaman, A. (1974) ‘How is design possible?’ *Journal of Architectural and Planning Research* 3, 4-11.
- Holanda, F. (2013) *10 mandamentos da arquitetura* (FRBH, Brasília).
- Kohlsdorf, M. E. (1996) *A apreensão da forma da cidade* (Editora Universidade de Brasília, Brasília).

Didática da Morfologia Urbana

Giancarlo Cataldi, Dipartimento di Progettazione dell’Architettura, Università degli Studi di Firenze, Viale Gramsci 42, 50132 Florença, Itália, E-mail: giancarlo.cataldi@gmail.com

Este texto centra-se na minha experiência de ensino em Morfologia Urbana. Começo por dizer que esta disciplina não é ainda plenamente reconhecida nas universidades italianas, onde não

existem – que eu saiba – cátedras nesta área do conhecimento. O ensino da Morfologia Urbana é, portanto, deixado à iniciativa de professores que, como eu, reconhecem a sua utilidade sob o ponto

de vista formativo na aprendizagem e no exercício do projeto – esta espécie de ‘lâmpada de Aladino’, sem a qual a faculdade de arquitetura não teria razão para existir. A sua instituição relativamente recente em Itália (a faculdade de arquitetura de Roma foi fundada em 1920) forneceu um ordenamento didático fruto de uma agregação mecanicista de dois programas opostos (um de dimensão artística e outro de dimensão científica) das academias de artes plásticas e das faculdades de engenharia.

Nas faculdades de arquitetura o modo mais fácil, e em certa medida estabilizado, de iniciar os alunos na prática do projeto é hoje baseado num princípio empírico de imitação, com uma clara derivação académica: os estudantes exercitam-se num conjunto de projetos *ex-tempore* e no tema de final do ano (quase sempre o projeto de um edifício especial), assumindo o reportório estilístico de um grande arquiteto, absorvido acriticamente através de imagens de revistas. Os professores obviamente ajudam a orientar as escolhas dos estudantes procurando em alguns casos estimular a criatividade e a imaginação dos estudantes mais dotados, explorando a auspiciosa hipótese que algum deles possa um dia tornar-se uma celebridade internacional. A fragmentação neo-eclética da arquitetura contemporânea é, na minha opinião, o resultado deste tipo de ensino *laissez-faire*, difundido por todas as faculdades do mundo (excetuando-se talvez as faculdades ligadas ao *new urbanism*, onde se ensina o retorno romântico ao neo-classicismo). O relativismo linguístico é um vírus real sendo que os medicamentos e antídotos podem vir exatamente do campo oposto, da morfologia urbana, com as suas bases ‘científicas’ e os seus objetivos com vista a uma revisão da ilógica e artificial divisão entre arquitetos e urbanistas, recomposição que – com a introdução de novos instrumentos mentais – poderia a longo prazo produzir benefícios consideráveis no desenvolvimento de uma nova linguagem arquitetónica capaz de afetar positivamente a forma da cidade.

Tentemos sair de um nível genérico, assumindo em primeiro lugar que esta minha posição poderá ser em princípio partilhada entre os arquitetos do *International Seminar on Urban Form* (ISUF). Aqui, as abordagens disciplinares são múltiplas, pelo que o ponto de vista projetual é necessariamente confrontado com o dos geógrafos, historiadores, arqueólogos, economistas, entre outros, correndo naturalmente o risco de não ser compreendido ou de, pelo menos, ver o seu potencial minimizado. No entanto, este risco vale a pena, pelo princípio da interdisciplinaridade que faz parte do património genético da nossa associação.

Nos laboratórios e nos cursos de projeção arquitetónica e urbana que orientei em Florença,

ao longo da última década, como um momento de preparação da tese dos estudantes, os programas foram sempre suportados por dois binómios dialéticos, teoria / método e leitura / projeto. O segundo destes, em particular, representa o cavalo de batalha da nossa escola, para a recuperação da ‘linguagem’ arquitetónica, dos seus corolários de conhecimento como ‘leitura’ e do projeto como ‘escrita’. Tive já a oportunidade de expor, nas conferências do ISUF, a teoria tipo-morfológica decorrente do ‘pensamento projetual’ de Saverio Muratori e da sua escola. Por conseguinte não é necessário que me alongue na sua apresentação, limitando-me aqui a referir quais são os seus princípios e os seus objetivos. O primeiro refere-se à constatação de que em cada edifício, enquanto artefacto espacial, estão simultaneamente presentes as noções de tipo edificado (conceito mental) e de organismo arquitetónico (objeto real). Essas noções envolvem a relação dialética (projetual e processual) que suporta o início do nosso raciocínio e, em geral, têm como objetivo a compreensão (aproximada) dos mecanismos que estão na base da transformação do mundo pelo homem. Os processos originais sujeito / objeto e homem / natureza desenvolvem-se no espaço-tempo, assumindo – para o princípio fundamental da continuidade na mudança – configurações cada vez mais complexas de cultura / contexto e civilização / território, com crises cíclicas e periódicas e com progressivos saltos de escala. Apesar de estes serem conceitos difíceis, posicionados entre a filosofia e arquitetura, são no entanto, na minha opinião, conceitos necessários do ponto de vista didático, no pressuposto de que possam, de algum modo, ter um impacto positivo na formação e nos projetos dos alunos.

O método de leitura que utilizei nos exercícios do primeiro ano do curso (entre os anos 80 e 90), reflete na sua estrutura a dimensão dialética da teoria. Os quadros cruzados de dupla entrada, nos quais os estudantes eram convidados a preencher com casos concretos os espaços em branco com base na entrada das coordenadas (sobre os dados do objeto e as escolhas do sujeito), derivam explicitamente (com algumas variações pessoais) das famosas tabelas de Saverio Muratori que eu tinha utilizado, enquanto estudante, nas suas aulas. Sem entrar em detalhes, estes quadros podem ser considerados ‘contentores lógicos universais’ (definição de Sandro Giannini), capazes de representar comparativamente a uma primeira impressão, no todo e nas partes, determinados aspetos da problemática tipo-morfológica. São aplicáveis em diferentes planos escalares e cíclicos. Têm um valor didático convencional, mas podem também ser utilizados na investigação, com resultados satisfatórios do ponto de vista da imagem, como no caso do

quadro de tipos de habitação que utilizei com sucesso como o logotipo da exposição *All'origine dell'abitare*.

A repartição convencional nas quatro escalas do construído (escala habitacional, do edificado, urbana e territorial) é para a nossa escola um aspeto irrenunciável, exprimível com muitos quadros cruzados, que colocam em evidência a analogia e a especificidade tipológica entre as diferentes escalas que a investigação compreende. Pelo princípio de implicação são sempre três escalas: se colocarmos a escala urbana no centro da leitura, temos necessariamente de analisar o nível 'superior' do território (que não pode continuar a ser ignorado como acontece em muitos trabalhos de investigação apresentados nas nossas conferências) e o 'inferior' do edificado, tendo em conta sobretudo os aspetos relacionados com o tecido parcelar: palavra esta, 'tecido', que enquanto 'grau escalar' não pode representar toda a escala senão de forma equívoca. A distribuição interna das escalas em graus segue normalmente a sucessão tipo - tecido - plano (dos percursos) - organismo (forma urbana), cada uma integrada, obviamente, com a própria adjetivação escalar.

Por fim, deve ser reiterado o carácter convencional destes esquemas conceptuais, especialmente úteis no plano da compreensão dos fenómenos de transformação da realidade natural em realidade construída. Claramente, na passagem da leitura ao projeto, os resultados da leitura, ainda que satisfatórios não garantem qualquer automatismo, exceto talvez os que se podem desenvolver por analogia entre a aprendizagem literária da 'leitura' e os mecanismos automáticos da 'escrita', que obviamente não transformam *tout court* um bom leitor num escritor ou ainda menos num poeta. A metáfora do 'palimpsesto' transmite bem a ideia da história operativa como uma narrativa por capítulos interrelacionados, 'escritos' de cada geração no grande livro não falsificável do território: que enquanto única sede global e comum da nossa civilização, deverá ser conservado por tanto tempo quanto possível.

Bibliografia em Morfologia Urbana

- Cataldi, G. (2003a) 'From Muratori to Caniggia: the origins and development of the Italian School of design typology', *Urban Morphology* 7, 19-34.
- Cataldi, G. (2003b) 'Da Muratori a Caniggia: matrici, derivazioni e fondamenti disciplinari della scuola italiana di tipologia progettuale', em Amato Guerrieri, C. D. e Strappa, G. (eds.) *Gianfranco Caniggia, dalla lettura di Como all'interpretazione tipologica della città* (Mario Adda Editore, Bari) 29-57.
- Cataldi, G. (2005a) 'Dialectical pairs in urban research: some epistemological issues', *Urban Morphology* 9, 46-50.
- Cataldi, G. (2005b) 'The study of territory and the role of history in applied research in urban morphology', *Urban Morphology* 9, 45-53.
- Cataldi, G. (2013a) 'Translating Alnwick into Italian: a tribute to M. R. G. Conzen', *Urban Morphology* 17, 56-7.
- Cataldi, G. (2013b) 'Thinking about Alnwick origins', *Urban Morphology* 17, 125-8.
- Cataldi, G. (2014a) 'Roman Alnwick: to be or not to be?', *Urban Morphology* 18, 172-4.
- Cataldi, G. (2014b) 'Urban Morphology as disciplinary basis of architectural design', em Oliveira V., Pinho P., Mendes Batista L. e Patatas T. (eds.) *Our common future in Urban Morphology* (FEUP, Porto) 29.
- Cataldi, G., Maffei, G.L. e Vaccaro P. (2002) 'Saverio Muratori and the Italian school of planning typology', *Urban Morphology* 6, 3-14.
- Conzen, M. R. G. (2012) *L'analisi della forma urbana, Alnwick, Northumberland* – tradução italiana realizada por Cataldi, G., Maffei, G. L., Maretto, M., Marzot, N. e Strappa, G. (Franco Angeli, Roma).

Tradução

O texto original foi traduzido para Português por Vítor Oliveira, que agradece a Giancarlo Cataldi a disponibilidade permanente.

O ensino da Morfologia Urbana na Universidade do Minho

Jorge Correia, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Campus de Azurém 4800 - 058 Guimarães, Portugal. E-mail: jorge.correia@arquitectura.uminho.pt

O 'fenómeno urbano' aparece diretamente abordado em diversas unidades curriculares ministradas na Universidade do Minho. A sua abrangência pluridisciplinar coloca-o como

assunto passível de recurso ou matéria para áreas tão diferentes como a gestão ou o direito, a sociologia ou as ciências políticas. Tradicionalmente, porém, é nos campos da

arquitetura, geografia e engenharia que mais consistentemente participa dos planos de estudos (<http://www.eng.uminho.pt>; <http://www.arquiteturra.uminho.pt>; <http://www.geografia.uminho.pt>). Exceção seja feita à arqueologia, por via da arqueologia urbana, do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais, produzindo conhecimento aplicado à pesquisa histórica de estratos urbanos passados em contexto arqueológico, nomeadamente para o caso da cidade de Braga.

Em bom rigor, a exceção referida pode, efetivamente, representar um dos casos isolados em que a abordagem metodológica mais diretamente se relacionada com o campo da morfologia urbana pela via da história da forma urbana. De uma forma geral, a morfologia urbana não se assume como campo autónomo disciplinar embora verta métodos e teorias para os programas de algumas unidades curriculares dos cursos supramencionados. Tal é o caso em cursos da Escola de Engenharia.

De forma mais indireta, as questões básicas do ‘fenómeno urbano’ aparecem muito relacionadas com os desafios do planeamento a várias escalas e, dentro deste, com as vias de comunicação em particular. Seja no curso de Engenharia Civil, seja no mestrado em Engenharia Urbana, as aptidões e vocações científicas giram em torno da prática da engenharia civil ou do território. Não se podendo dizer que a morfologia urbana constitui um *corpus* de aprendizagem focado, a mesma representa uma base analítica para os desafios da mobilidade, planeamento e gestão das cidades.

Na vizinha Escola de Arquitetura, em particular no seu Mestrado Integrado em Arquitetura, as questões da paisagem, do território e do espaço público aparecem introduzidas em Laboratório de Urbanística para depois serem desenvolvidas em módulos temáticos no 2º ciclo. De um ponto de vista mais cronológico, as unidades curriculares de História da Arquitetura tratam genericamente da evolução das cidades no mundo e no país, para darem lugar a unidades curriculares opcionais onde, para o tempo moderno ou para o contexto islâmico, mais aprofundadamente se pode explorar recursos analíticos concretos. Dos instrumentos de ordenamento do território, à qualidade urbana e até ao cinema, a cidade aparece como tela onde a morfologia urbana não é senão colateralmente assessorada. Por esta muito breve resenha se infere que o estudo do(s) fenómeno(s) urbano(s) aparece disseminado pelo curso, diluindo-se um enfoque específico na morfologia urbana.

No mesmo *campus* de Azurém em Guimarães se ministra a licenciatura em Geografia do

departamento homónimo do Instituto de Ciências Sociais. Tal como o ensino de arquitetura, também o de geografia é devedor das ‘escolas’ do Porto, onde muito do corpo docente se formou. No entanto, talvez aqui, na unidade curricular de Geografia Urbana, mais diretamente se sinta uma aproximação à problemática da morfologia urbana filtrada por uma visão herdada da escola francesa (Moudon, 1997). Para a evolução histórica do espaço urbano é dedicado um tempo próprio que a predominância anglo-saxónica tem vindo a contagiar entretanto, e com ela a experiência de Conzen e seus discípulos. Nos restantes projetos de ensino em Geografia, mais uma vez o ‘fenómeno urbano’ reverte intrinsecamente para uma operacionalidade dirigida para o desenvolvimento: do planeamento aos transportes, do turismo ao ambiente.

Se para qualquer das áreas disciplinares tocadas se verifica casos de dissertações doutorais onde a morfologia urbana se pode constituir como principal ferramenta metodológica ou até mesmo objetivo analítico, também é verdade que persiste uma saudável recusa de uma taxonomia emergente, muito específica, ou até mesmo muito especializada. Concretamente em arquitetura e geografia, o partido transdisciplinar e crítico em relação a todas as questões inerentes ao ‘fenómeno urbano’ desafia conceitos tradicionais. O entendimento e evolução do conceito de paisagem, bem como a compreensão e o estudo do território, refutam contemporaneamente a divisão entre urbano e rural, entre cidade e campo, sobretudo numa universidade implantada no Minho, onde dinâmicas de ocupação difusa conduzem a novos paradigmas interpretativos.

Membros desta academia têm estado envolvidos ativamente no projeto de criação e consolidação da Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM). No entanto, não parece que a academia em geral, tradicionalmente adepta de uma organização estruturada do ensino, esteja recetiva a uma inclusão ou emergência da morfologia urbana enquanto disciplina ou área científica independente. O caminho aponta para uma cada vez maior inter / multi / transdisciplinaridade em que a morfologia urbana, mais que ‘ciência’, se predispõe a ‘método’ para o ensino, prática e investigação em urbanística.

Referência

Moudon, A. V. (1997) ‘Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field’, *Urban Morphology* 1, 3-10.

O ensino da Morfologia Urbana no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEM

Karin S. Meneguetti, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo 5790 Bloco 9, Maringá PR, Brasil 87090-200. E-mail: karinschwabe@gmail.com

O curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Brasil, criado em 1999, em conjunto com o recente programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, iniciado em 2012, formam a principal base do ensino e pesquisa sobre morfologia urbana nesta universidade.

O projeto pedagógico da Graduação se estrutura a partir de formação específica e competências profissionais - projeto arquitetônico, urbanismo e paisagismo. O ensino da morfologia urbana está contido, sobremaneira, nas disciplinas de urbanismo. O conjunto destas disciplinas acadêmicas, a saber, Urbanismo I, Urbanismo II, e Urbanismo III, se desenvolve sob um prisma teórico-prático, cujos objetos de estudo e proposição seguem uma escala territorial crescente – do bairro, da cidade e da região.

A morfologia urbana é apresentada como ferramenta para a avaliação da cidade na disciplina Urbanismo I. Nas duas disciplinas subsequentes, a avaliação das formas urbanas é realizada de modo menos direcionado, esperando-se que o aluno tenha incorporado as diversas metodologias aprendidas anteriormente e seja capaz de selecionar e aplicar as mais adequadas ao estudo de caso proposto. Observa-se, no entanto, que esta dinâmica não tem garantido o espaço adequado à morfologia urbana nos projetos executados.

A bibliografia de morfologia urbana utilizada na graduação corresponde basicamente a Cullen (1983 [1961]), Lamas (1993), Lynch (1982 [1960]), Panerai (1986 [1977], 2006) e Rossi (2001 [1966]). Esta seleção de autores confirma a sobrepujança dos estudos traduzidos ao português sobre aqueles mais tradicionais da morfologia urbana, cujos textos em outras línguas dificultam a leitura e aplicação nas disciplinas de graduação. Exceção feita a Kohlsdorf (1996) e Del Rio (1990), autores brasileiros que tratam de morfologia, a primeira propondo método próprio baseado em outras metodologias, e o segundo como ferramenta para o desenho urbano.

Cabe também comentar a falta de atualização da bibliografia, tendo em vista a data das publicações utilizadas. Assim, novas metodologias pouco têm espaço no ensino do urbanismo. A aplicação das ferramentas

consagradas em tipos específicos de formas urbanas, como a visão serial demonstrada em Cullen, torna as leituras das formas urbanas pouco eficazes, uma atividade para cumprir etapas da elaboração dos trabalhos, com pouca correlação com as propostas urbanísticas. Uma tentativa de apresentação de conceitos, procedimentos e características da morfologia urbana de modo mais acessível foi a publicação *on line* de um texto básico, de natureza didática (Rego e Meneguetti, 2011).

Na Pós-Graduação o ensino de morfologia urbana tem um espaço maior, refletindo no número e na consistência das dissertações de mestrado que a utilizam como fundamentação teórica ou ferramenta de análise.

O Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Universidades Estaduais de Maringá (UEM) e de Londrina (UEL) envolve duas instituições de ensino vizinhas e com forte inserção regional. Tem como área de concentração a Metodologia de Projeto e duas Linhas de Pesquisa: ‘Historiografia e metodologia de organização de dados para o projeto’ e ‘Produção do ambiente construído’.

Na segunda linha, as pesquisas envolvem primordialmente a avaliação e a aplicação de métodos e processos de projeto relacionando questões de desempenho e sustentabilidade. Faz parte desta linha a disciplina Morfologia Urbana e Organização Espacial, que tem como programa: ‘1. Estudos de padrões de organização espacial urbana – da microescala à macroescala. 2. Morfologia Urbana 2.1. Estratégias analíticas 2.2. Estratégias propositivas 3. Discussão de conceitos de Qualidade Urbana’.

A bibliografia adotada demonstra maior abrangência de conteúdo, incorporando obras clássicas, apesar de também não contar com textos mais recentes. Estão presentes: Bentley *et al.* (2004), Chapman (2006), Conzen (2004), Gifford (1997), Hillier (1996), Lang (1987, 1994) Madanipour (1996), Magalhães (2001), Panerai *et al.* (2004), Sima e Zhang (2009) e Trancik (1986).

As dissertações defendidas no Programa que se utilizam da Morfologia Urbana (orientadas pelos professores Renato Leão Rego, Milena Kanashiro e Karin Schwabe Meneguetti), no

entanto, têm se apoiado em textos clássicos e em artigos da *Urban Morphology* e 'Revista de Morfologia Urbana', atingindo maior atualidade e dinamicidade nas discussões propostas.

Referências

- Bentley, I. et al. (2004) *Entornos Vitales. Hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano* (Editora GG, Barcelona).
- Chapman, D. (2006) 'Applying macro urban morphology to urban design and development planning: Valletta and Floriana', *Urban Morphology* 10, 23-40.
- Conzen, M. P. (ed.) (2004) *Conzen, M. R. G.: Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932-1998* (Peter Lang, Oxford).
- Cullen, G. (1983 [1961]) *Paisagem urbana* (Edições 70, Lisboa).
- Del Rio, V. (1990) *Introdução ao desenho urbano no processo de planeamento* (Pini, São Paulo).
- Gifford, R. (1997) *Environmental psychology: principle and practice* (Allyn & Bacon, Boston).
- Hillier, B. (1996) *Space is the machine - a configurational theory of architecture* (Cambridge University Press, Cambridge).
- Kohlsdorf, M. E. (1996) *A apreensão da forma da cidade* (Editora UNB, Brasília).
- Lamas, J. M. R. G. (1993) *Morfologia urbana e desenho da cidade* (Fundação Gulbenkian, Lisboa).
- Lang, J. (1987) *Creating architectural theory: the role of the behaviour sciences in environmental design* (Van Nostrand Reinhold, Nova Iorque).
- Lang, J. (1994) *Urban Design: the american experience* (John Wiley & Sons, Nova Iorque).
- Lynch, K. (1982 [1960]) *A imagem da cidade* (Edições 70, Lisboa).
- Madanipour, A. (1996) *Design of urban space: an inquiry into a socio-spatial process* (Wiley & Sons, Nova Iorque).
- Magalhães, M. R. (2001) *Arquitetura paisagista: morfologia e complexidade* (Editorial Estampa, Lisboa).
- Panerai, P., Castex, J. e Depaule, J. C. (1986 [1977]) *Formas urbanas: de la manzana al bloque* (Editora GG, Barcelona).
- Panerai, P. (2006) *Análise Urbana* (Editora UNB, Brasília).
- Rego R. L. e Meneguetti, K. S. (2011) 'A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade', *Acta Scientiarum* 33, 123-7.
- Rossi, A. (2001 [1966]) *Arquitetura da cidade* (Martins Fontes, São Paulo).
- Panerai, P., Castex, J., Depaule, J. C. e Samuels, I. (2004) *Urban forms: the death and life of the urban block* (Architectural Press, Oxford).
- Sima, Y. e Zhang, D. (2009) Comparative precedents on the study of urban morphology, *Proceedings of the 7th International Space Syntax Symposium* (KTH, Estocolmo) 103:2-8.
- Trancik, R. (1986) *Finding lost space: theories of urban design* (Wiley & Sons, Nova Iorque).

Morfologia Urbana no Líbano: uma perspetiva cultural numa encruzilhada de civilizações

Luisa Bravo, Lebanese American University, Chouran Beirut: 1102 2801, Lebanon. E-mail: luisa.bravo@lau.edu.lb e **José M. P. Madrigal** Lebanese American University, Chouran Beirut: 1102 2801, Lebanon. E-mail: josemanuel.madrigal@lau.edu.lb.

A interseção de camadas culturais, resultante da sobreposição histórica sobre territórios, religiões e civilizações, é um elemento chave para a definição de identidades. Na região do Mediterrâneo Oriental, foram-se formando diferentes interesses políticos ao longo dos séculos, enquanto conflitos ocorriam, devido à variedade de atores culturais atuando no mesmo cenário. Este território é hoje feito de um forte multiculturalismo, um património surpreendente e cidades divididas, sendo a identidade um conceito complexo, difícil de definir (Guarrasi, 2007).

Partindo de uma perspetiva europeia, dedicada à tradição e aos seus valores morfológicos e tipológicos, ensinar Arquitetura e Urbanismo no Líbano é um desafio. Através de uma abordagem cuidadosa aos programas curriculares das escolas de arquitetura mais importantes (*School of Architecture of Balamand / UOB, Holy Spirit University of Kaslik / USEK, Notre Dame University / NDU, Beirut Arab University / BAU Lebanese American University / LAU e American University of Beirut / AUB*), descobrimos que as disciplinas de Teoria e História refletem a

encruzilhada multicultural, mas sem uma afirmação equilibrada: provêm geralmente de uma perspetiva única, com base na cultura ocidental. A cultura islâmica é incorporada em disciplinas como 'Introdução à Arquitetura Islâmica', quando existente. O trabalho de arquitetos locais, do norte da África, como Hassan Fathy, ou do Médio Oriente, é na sua maioria ignorado.

No Líbano existem algumas referências relevantes, no âmbito da reconstrução arqueológica (Jidejian, 1968; 1971) e dos estudos tipológicos de arquitetura doméstica (Kalayan e Liger-Belair, 1965; Liger-Belair, 1965; Raguette, 1980; Saliba, 1998). No entanto os alunos parecem não estar habituados a abordar o património através de uma abordagem metodológica consistente e sistemática, integrada num curso ou numa especialização. A encruzilhada cultural parece ter vindo a adiar progressivamente o estudo de culturas e civilizações passadas e as suas possíveis implicações sobre o modo de lidar com as questões atuais da cidade contemporânea.

A morfologia urbana não tem um lugar específico nos estudos de arquitetura no Líbano, estando de algum modo integrada noutras disciplinas teóricas, principais e / ou opcionais. No entanto, diversos académicos libaneses estão particularmente ativos neste domínio. Após a guerra de 1975 - 1991, surgiu uma necessidade de afirmação de identidade ligando-a a um lugar geográfico; um desejo de preencher o vazio entre significado e lugar (Møystad, 1998). Em 1990, na *American University of Beirut*, Robert Saliba desenvolveu um significativo estudo morfológico para a cidade de Beirute (Saliba, 1991). A forma urbana foi abordada sob dois pontos de vista complementares: análise histórica / morfológica e análise da 'imageabilidade' / paisagem urbana: o primeiro, do período Romano (64 aC), passando pelo período medieval (634), o período Otomano tardio (1840), o período do 'mandato' francês (1919), o período da independência (1943), o período da guerra (1975) até 1990; e o segundo, envolvendo vários grupos etários de modo a reunir desenhos de imagens mentais do centro da cidade anterior à guerra, abordando ainda o processo de reconstrução. Os resultados do mapeamento foram notáveis e têm ainda hoje um valor significativo de documentação, juntamente com outros estudos do mesmo período (Kabbani, 1992), nomeadamente antes da reconstrução da zona central de Beirute levado a cabo pela *Solidere*, a empresa libanesa contratada pelo governo sob a forma de parceria público-privada, a partir de 1994.

As experiências de ensino que tivemos em universidades como a *Beirut Arab University* em 'Arquitetura Regional' (Madrigal em 2012-13); e

a *Lebanese American University* em 'Planeamento Urbano' I e II (Madrigal em 2013-14) e em 'Teoria II' e 'Estúdio de Desenho VI' (Bravo em 2014-15), constituíram uma oportunidade para apresentar a Morfologia Urbana aos estudantes, como uma importante ferramenta pedagógica (Salama, 2009) para compreender a forma urbana contemporânea e as origens das cidades do Médio Oriente.

Beirut Arab University. O ensino da Arquitetura Regional

Sidon (transcrito do árabe Saïda) localiza-se num promontório sobre o mar. A cidade medieval muralhada, que se estende entre *Sea Castle* e *Saint Louis Castle*, está muito bem preservada e é, ainda hoje, habitada.

Sidon foi escolhida como caso de estudo para a realização de estudos morfológicos do tecido urbano do antigo *souk*. Partindo de um levantamento arquitetónico dos edifícios públicos e dos espaços abertos – incluindo temas como a iluminação natural, as sombras e as cores, relacionadas com a *sharia* (a lei canónica islâmica baseada nos ensinamentos do Corão e nas tradições do Profeta) – a análise foi desenvolvida em diferentes fases. A primeira fase procurou destacar os tipos urbanos mais relevantes, como parte dos processos de desenvolvimento morfológico e de uso do solo, incluindo uma instituição específica, o *waqf* (UN-Habitat, 2005). A segunda fase constituiu uma análise arquitetónica profunda a partir da planta da cidade, focando-se em mesquitas, nos *hamman*, nos *souks* e nos *khan* (no Médio Oriente *khan* refere-se a um alojamento para viajantes, construído em torno de um pátio central; na Turquia este tipo é conhecida como *caravanserai*) como marcos no tecido urbano. A última fase prendeu-se com os resultados da aprendizagem, como resultado da experiência pessoal direta de cada aluno, traduzida num envolvimento sensorial e emocional com o ambiente urbano. Foi dada uma ênfase especial ao espaço público introduzindo o piso-térreo dos tipos mais relevantes no mapa morfológico geral, referindo o *hamman* como um espaço público-privado relacional e o *sahn* (pátio das mesquitas, normalmente de grandes dimensões e central, rodeado pela *riwaq* ou galeria), como o principal ponto de encontro semanal e cenário de diferentes funções urbanas administrativas. Desenvolveu-se ainda um conjunto de reflexões sobre os espaços comerciais concentrados ao longo de um eixo, os *souks*, e em torno de um ponto central, o *khan*, definindo ainda uma hierarquia das ruas, desde o uso público até o uso privado (Figura 1).

Sidon conseguiu revelar um conceito



Figura 1. Mapa morfológico da cidade muralhada de Saïda com a implantação dos tipos arquitetônicos mais relevantes e o Crusader Castle (Beirut Arab University).

evolutivo de forma urbana, com a transição entre *kasaba*, *atfa*, *zoqak*, *darb* e a existência da antiga *saha*, a praça pública de menor dimensão reservada às comunidades que vivem na sua envolvente.

Lebanese American University. O ensino do Estúdio de Desenho VI.

A *School of Architecture and Design* da *Lebanese American University* está localizada em Byblos, uma das cidades mais antigas do planeta: habitada desde o período neolítico, está intimamente ligada à história da região mediterrânica. Sobrevivendo, adaptando-se e crescendo no meio da destruição e reconstrução de pelo menos oito civilizações diferentes, ao longo de 8 000 anos, o seu extraordinário valor foi reconhecido pela

UNESCO, sendo que a cidade de Byblos, a moderna Jbeil, é hoje parte integrante do património mundial da humanidade.

Um dos principais objetivos da disciplina de Estúdio de Desenho VI é fomentar a capacidade de analisar as origens culturais, no que diz respeito aos antecedentes históricos articulando a estética do desenho com o contexto histórico social. A primeira abordagem consistiu na análise da forma urbana existente, relacionada com o percurso Romano, o *souk* e o sítio arqueológico. Enquanto a cidade compacta antiga é hoje atrativa, o que existe no seu seguimento corresponde a uma extensão fragmentada e que ocupa uma grande quantidade de solo, com valores urbanos pobres e sem qualquer interesse urbano específico, à exceção da necessidade de voltar a unir o legado do passado e a sociedade contemporânea.

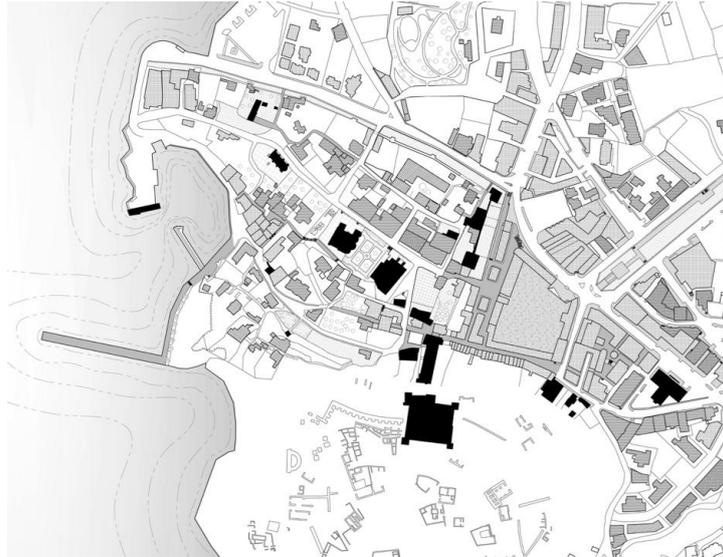


Figura 2. Mapa morfológico da cidade de Byblos, com o castelo, principais igrejas e mesquitas a preto. *Lebanese American University*.

Foi conferida aos estudantes uma tarefa específica: a atualização do mapa da cidade histórica, atribuindo um significado a cada edifício, em termos de uso público ou privado, e a cada espaço, como parte do património contemporâneo.

Num contexto de terras progressivamente privatizadas, onde o uso do carro mudou completamente a perceção urbana, o significado de ‘público’ e ‘pedonal’ é uma questão bastante complexa. Os estudantes, como futuros arquitetos, experienciam o ambiente urbano de um modo completamente da perspectiva europeia. A elaboração de um mapa de base morfológica (Figura 2) foi o resultado de um processo, onde os alunos descobriram algo em que não estavam inicialmente interessados, mesmo como cidadãos ou visitantes locais. Património, morfologia e paisagem parecem ser termos utilizados por eles, mas sem um significado profundo. O que é uma praça? O que é um espaço público? Na maioria das vezes estas são perguntas sem uma resposta adequada.

Conclusão

O rico património cultural do Médio Oriente não é uma propriedade comum na mente da maioria das pessoas locais (Mateo e Ivanisin, 2013). As cidades e ambientes construídos têm ainda de ser analisados numa perspectiva morfológica. Uma cuidadosa e ampla abordagem, longe de qualquer imposição ou subestimação do grande potencial deste território, poderia ser a chave para gerar uma autoconsciência, criando assim a base para

um grande conjunto de estudos sobre o passado, o presente e o futuro destas comunidades.

Estudos urbanos, através de levantamentos físicos sistemáticos, podem implementar uma abordagem das arquiteturas locais por parte dos estudantes, equilibrando a atual, por vezes excessiva, atitude de desenho virtual que existe na maioria das escolas de arquitetura. Isto poderia promover um regresso aos estudos tipológicos como forma de reflexão sobre as suas próprias identidades, num campo interdisciplinar de ação, devidamente relacionado com o espírito da abordagem morfológica (Moudon, 1997) e com a rica diversidade da região do Médio Oriente.

A melhoria do conhecimento sobre o urbanismo local poderia reforçar uma perspectiva de sustentabilidade, através de um modo original de interpretar as novas tendências na arquitetura contemporânea. Além disso, a documentação da arquitetura e do património moderno é uma tarefa urgente, de acordo com o que foi claramente afirmado pelo *Arab Centre for Architecture* em Beirute: o recente desenvolvimento da arquitetura no mundo Árabe carece de uma plataforma para debater questões relativas ao ambiente construído. Este é um contexto, feito de guerras e conflitos, em que património e formas urbanas podem repentinamente desaparecer e ser substituídos por algo ‘novo’ que nada tenha em comum com os recursos naturais e as raízes locais.

Bibliografia

Guarrasi, V. (2007) *Ibridi urbani. Città mediterranee alla ricerca di nuove identità* em

- Angelini, A. (ed.) *Mediterraneo. Città, culture, ambiente, governance, migranti* (Franco Angeli, Milão) 173-82.
- Jidejian, N. (1968) *Byblos, through the ages* (Dar An-Nahar, Beirute).
- Jidejian, N. (1971) *Sidon, through the ages* (Dar El-Machreq, Beirute).
- Kabbani, O. (1992) *Prospects for Lebanon. The reconstruction of Beirut* (Centre for Lebanese Studies, Beirute).
- Kalayan, H. e Liger-Belair, J. (1965) *L'habitation au Liban* (L'Association pour la Protection des Sites et Anciennes Demeures, Beirute).
- Mateo J. L. e Ivanisin, K. (eds.) (2013) *Middle East: territory, city, architecture* (Park Books, Zurique).
- Moudon, A. V. (1997) 'Urban morphology as an emerging interdisciplinary field', *Urban Morphology* 1, 3-10.
- Møystad, O. (1998) 'Morphogenesis of the Beirut green-line: theoretical approaches between architecture and geography', *Cahiers de Géographie du Québec* 42, 421-35.
- Raguette, F. (1980) *Architecture in Lebanon. The lebanese house during the 18th and 19th centuries*, (Caravan Books, Nova Iorque).
- Salama, A. M. (2009) *Transformative pedagogy in Architecture & urbanism* (Umbau-Verlag, Solingen).
- Saliba, R. (1991) *Morphological investigation of downtown Beirut: towards an urban design framework* (American University of Beirut, Beirute).
- Saliba, R. (1998) *Beirut 1920-1940: domestic architecture between tradition and modernity* (Order of Engineers and Architects: Beirute).
- UN-Habitat (2005) *Islam, land & property*. Research series Paper 7.

Tradução

O texto original foi traduzido para Português por Vítor Oliveira e Mafalda Silva, que agradecem a Luisa Bravo a disponibilidade permanente.

O ensino da Morfologia Urbana em Itália: balanço e perspetivas

Marco Maretto, Dipartimento di Ingegneria Civile, dell'Ambiente, del Territorio e Architettura, Università degli Studi di Parma, Parco area delle Scienze n°181/A, 43124 Parma, Itália. E-mail: marco.maretto@unipr.it

Existe uma longa tradição de ensino da Morfologia Urbana nas faculdades de arquitetura italianas. Esta tradição começou no início dos anos cinquenta com os cursos de *Caratteri Distributivi degli Edifici* e atingiu a maturidade, no final dos anos setenta, com a abertura dos cursos *Caratteri Tipologici degli Edifici* (primeiramente) e *Caratteri Morfológicos degli Edifici* (anos mais tarde). Graças à experiência pioneira de Saverio Muratori, e da sua Escola, e ao trabalho da *Tendenza* (Aldo Rossi, Carlo Aymonino, Vittorio Gregotti, etc.) as questões morfológicas começaram a ser consideradas à escala da cidade, sendo a esta escala que a arquitetura, a tipologia e a morfologia encontram a necessária e completa realização. Desde o início que o ensino da morfologia urbana está intimamente relacionado com o ensino da arquitetura e do desenho urbano, sendo uma prerrogativa quase exclusiva de arquitetos. Este facto é ainda mais relevante no início do século XXI, com a introdução do Sistema Europeu de Acumulação e Transferência de Créditos

(ECTS) e com a substituição das disciplinas 'normais' de Arquitetura e Desenho Urbano pelos Estudos de Arquitetura e Desenho Urbano (120 horas / 12 ECTS). Neste último, a disciplina principal, 'Arquitetura e Desenho Urbano' (80 horas / 8 ECTS) é quase sempre suportada por uma outra de 'Características Morfológicas / Tipológicas da Arquitetura e da Cidade', sendo que ambas pertencem à mesma área científica (ICAR 14). Passada a experiência dos anos 80 e 90, a atenção sobre a escala arquitetónica e tipológica parece voltar a ser dominante, o que tem vindo a conduzir a uma perda parcial (exceto em algumas escolas) do contributo fundamental que a arquitetura italiana vinha a desenvolver até esse momento. Este regresso à investigação tipológica à custa das suas referências urbanas será talvez uma das razões que levou, a que na última década, se assistisse a um enfraquecimento do ensino morfológico nas escolas de arquitetura italianas. De facto, este processo desvaneceu a rica 'época tipológica', passando o enfoque para outras questões e outros problemas. Pode dizer-se

que é a renúncia da escala urbana por parte da arquitetura italiana, uma renúncia que coincide com a saída gradual da Itália do centro do debate internacional. Numa altura em que os desafios da globalização requerem abordagens sistémicas às escalas urbana e territorial, numa altura em que o desenho urbano (talvez mais do que no passado) se torna uma das principais ferramentas para transformar a cidade, renunciar à escala urbana significa colocar-se de lado relativamente ao debate global. Existem atualmente em Itália poucos professores que lidem com a Morfologia Urbana, e menos ainda são as Escolas de Arquitetura que colocam o ensino morfológico no centro da sua oferta educativa. Muito poucos são aqueles que fazem da investigação morfológica um instrumento científico de desenho urbano. Em muitos casos, encontramos apenas uma prática classificatória (que vai atrás quase um século) ou simplesmente a ausência da dimensão morfológica. Pelo contrário, as ferramentas da Morfologia Urbana surgem hoje com uma grande relevância face aos desafios da cidade contemporânea (sustentável, inteligente, inclusiva, etc.) devido à natureza sistémica dos seus temas, à sua capacidade de formar ‘tecidos’ e estabelecer relações dinâmicas entre eles. A minha experiência como professor no Mestrado de Arquitetura (em língua inglesa)

da Universidade de Parma confirma estas afirmações. Nas aulas do mestrado, a Morfologia é colocada na base da experiência de desenho, levando os estudantes a resultados muito interessantes. A abordagem morfológica tem, de facto, provado ser uma ferramenta valiosa, tanto na leitura como no desenho da cidade, permitindo desenvolver uma metodologia de desenho atenta, aberta e dinâmica, adequada (na nossa experiência) às mais diferentes realidades urbanas. Com esta base, organizamos mestrados e *workshops* internacionais.

Morfologia, Desenho Urbano e Sustentabilidade são as palavras-chave em torno das quais o trabalho do grupo de investigação *Researches in Architecture and Urban Morphology / RAM* (www.r-a-m.it) se foca numa troca mútua entre ensino e investigação.

A cidade contemporânea é de facto um conjunto dinâmico de redes (sociais, económicas, culturais, tecnológicas) no qual a Morfologia Urbana pode constituir um útil *plug-in* na construção da cidade do século XXI.

Tradução

O texto original foi traduzido para Português por Vítor Oliveira e Mafalda Silva, que agradecem a Marco Maretto a disponibilidade permanente.

Relatos sobre o ensino de Morfologia Urbana na UFMG

Staël de Alvarenga Pereira Costa, Departamento de Urbanismo, Escola de Arquitetura Universidade Federal de Minas Gerais, Rua Paraíba 697 sala 404 c, Bairro dos Funcionários, Cep 30130140, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: staelalvarenga@gmail.com

Apresentação

Este texto relata o processo do ensino de Morfologia Urbana, na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, no Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (MACPS, EAUFMG), em Belo Horizonte. A oferta dessa disciplina, na modalidade optativa, destina-se aos mestrandos e alunos interessados no tema.

Este texto avalia a oferta, relata as práticas pedagógicas para a sua efetivação e os resultados obtidos. Por meio de um relato discorre sobre conteúdos e diferentes abordagens, consequentes das análises dos trabalhos de alunos, dos relatos sobre as dificuldades encontradas na absorção dos conteúdos. Estes procedimentos são necessários para a aquisição de hábitos que forneçam aos

mesmos habilidades para o uso do instrumento para análise das formas urbanas das cidades brasileiras contemporâneas.

As atividades desenvolvidas no curso de Morfologia Urbana

A ementa expõe que disciplina prevê a apresentação de conteúdos sobre a origem e métodos das principais Escolas de Morfologia Urbana. Para isto, define que a cidade é vista como uma relação da sociedade com o espaço físico. O uso da Morfologia Urbana como método para elaboração de projetos urbanos é o último item nesta etapa de intenções pedagógicas. Consequentemente, os objetivos didáticos visam instrumentar, trabalhar conteúdos e habilidades

para que o aluno de pós-graduação seja capaz de identificar mosaicos na forma urbana das cidades brasileiras com ênfase nos programas urbanos de maior complexidade funcional e impactos na estrutura tradicional da paisagem urbana. É desejável que o aluno seja capaz de lidar com conceitos e intervenções em conjuntos urbanos de preservação cultural. Da mesma forma, espera-se a apresentação de suas estratégias e ideias para propostas de intervenção de forma clara, objetiva e criativa.

A estruturação do curso

Os procedimentos para o exercício da disciplina preveem um curso estruturado em três etapas, por meio de aula semanal de quatro horas, num total de 30 horas.

i. Na primeira parte os conteúdos teóricos são transmitidos em aulas expositivas, contendo as principais linhas conceituais e métodos de análise da forma urbana. As informações sobre as duas escolas tradicionais, a inglesa e a italiana e suas características, como também as principais atividades, o cronograma do curso e o sistema de avaliação do aprendizado, são apresentadas.

Após esta aula inicial os temas se dividem – há uma visão geral do assunto e a discussão de dois textos de Moudon, o primeiro encontrado no primeiro volume do *Urban Morphology* (Moudon, 1997) e outro numa entrevista a professores (Rosaneli e Pinsly, 2009), como exercício comparativo sobre reflexões dessa professora num intervalo de doze anos.

Os seminários seguintes são sobre a Escola Inglesa de Morfologia Urbana, nos quais os alunos discutem alguns textos clássicos, sobre as bases conceituais dessa escola (Whitehand, 2001), *fringe belts* (Conzen, 2008) e um de M. R. G Conzen (Conzen, 1981) com exemplos dos problemas de Geografia Aplicada, em cidades britânicas. Este texto é objeto de um estudo dirigido, no qual são elaboradas questões sobre aspectos a serem pesquisados no trabalho de campo.

O mesmo procedimento se repete com relação aos conceitos da Escola Italiana de Morfologia Urbana. Os temas introdutórios estão no texto de Cataldi *et al.* (2002), outro sobre o processo tipológico (Corsini, 1997). E o estudo dirigido formula questões sobre a formação territorial e as escalas de análise dessa escola (Caniggia e Maffei, 2002).

ii. A segunda parte do curso propõe a aplicação dos métodos numa cidade, pela investigação de aspectos das escolas de morfologia urbana. Os temas são distribuídos em eixos temáticos, sobre a evolução, formação da

paisagem urbana, as transformações tipológicas e expansões urbanas advindas das políticas públicas e as questões ambientais.

Nesta etapa, busca-se motivar os alunos para a investigação de aspectos anômalos por meio das análises morfológicas, como por exemplo, em Ouro Preto, a existência de lotes similares aos lotes burgueses, ou o porquê da matriz do Pilar não estar no eixo da perspectiva central, a identificação do tipo básico e suas derivações, como também a formação territorial que ocorre na encosta e não na crista, como advoga a escola italiana.

iii. Conclusões e apresentações. Na terceira etapa, posterior ao trabalho de campo, prevê discussões sobre os aspectos investigados, a definição dos temas a serem desenvolvidos e apresentados numa oficina intermediária e posteriormente no trabalho final.

Os resultados obtidos no ensino da Morfologia Urbana

Como se observa os conteúdos e a dinâmica do curso visam apresentar de forma sucinta, os métodos das escolas tradicionais de Morfologia Urbana e fomentar o interesse na sua aplicação. Alunos que se interessam em aprofundar no tema têm possibilidade de participar de pesquisas aprofundadas sobre a Morfologia Urbana, no Laboratório da Paisagem. Muitos deles escolhem o método como a linha mestra de investigação de suas dissertações de mestrado. A excelência das dissertações e premiações obtidas pelos trabalhos desenvolvidas pelos mestrandos sinalizam que a oferta do curso é a melhor forma de divulgação da Morfologia Urbana, pela abrangência de temas e possibilidades de investigações em cidades contemporâneas.

Referências

- Caniggia, G. e Maffei G. L. (2001) *Architectural composition and basic building* (Alinea Editrice, Florença).
- Cataldi, G., Maffei G. L. e Vaccaro P. (2002) 'Saverio Muratori and the Italian school of planning typology', *Urban Morphology* 6, 3-21.
- Corsini, M. G. (1997) 'Residential buildings types in Italy before 1930: the significance of local typological process', *Urban Morphology* 1, 34-49.
- Conzen, M.R.G. (1981) *Historical townscapes in Britain: A Problem of applied Geography* em Whitehand, J. W. R. (ed.) *The urban landscape: historical development and management - papers by M.R.G. Conzen* (Academic Press,

- Londres) 56-74.
- Conzen, M. P. (2008) 'How growing cities internalize their old urban fringes: a crosscultural comparison', *15th International Seminar on Urban Form*, Artimino, 21 a 23 de Novembro de 2008.
- Moudon, A. V. (1997) 'Urban morphology as an emerging interdisciplinary field', *Urban Morphology* 1, 3-10.
- Rosanelli, A. F. e Pinsly, D. S. (2009) 'Forma urbana de que modo? Uma entrevista com Anne Vernez Moudon', *Vitruvius* 40.
- Whitehand, J. W. R. (2001) 'British urban morphology: the Conzenian tradition', *Urban Morphology* 5, 103-9.

Morfologia Urbana - ensino e pesquisa

Silvio Soares Macedo, Departamento de Projeto, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Rua do Lago 876, 05508.080 São Paulo, Brasil, E-mail: ssmduck@usp.br

No Brasil a profissão do arquiteto abrange três campos importantes de atividades, a arquitetura propriamente dita, o urbanismo e o paisagismo, fato este que levou o ensino da morfologia a se centrar basicamente nas escolas de Arquitetura e Urbanismo.

O ensinar morfologia urbana é um fato consolidado em muitos dos centros de ensino do país e no caso de São Paulo é uma ação que perpassa diferentes disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sem, entretanto, existir uma disciplina que se foque estritamente sobre o assunto.

A questão da morfologia aparece tanto em disciplinas teóricas como práticas sem que aja de fato um foco e sem que se aprofunde sobre o pensamento de seus principais autores. Assim como ela o Desenho Urbano, o ato de projeto da morfologia da cidade, ou pelo menos de parte dela é uma ação que é somente objeto de uma disciplina prática em um curso de mais de 4 000 horas de atividades curriculares e com uma duração de cinco anos.

As disciplinas de Paisagismo do curso de graduação da faculdade, há mais de quarenta anos se focam de um modo mais especial na produção, projeto e criação da paisagem urbana e vem desenvolvendo estudos e projetos, tendo como referencia a paisagem urbana e, portanto sua forma e os espaços livres urbanos.

Naturalmente outras disciplinas têm enfoques sobre paisagem urbana, mas de fato as disciplinas dedicadas ao ensino da paisagem urbana e dos seus espaços livres, das suas formas, usos, agentes e projetos são as de paisagismo do Departamento de Projeto da FAUUSP, que tem como objetivo

este tipo de atividade.

São disciplinas de caráter prático, cuja base é o desenvolvimento de projetos tanto aqueles decididamente referentes ao paisagismo, praças e parques, como também de bairros residenciais e mistos.

Todo aluno matriculado no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP deve então cursar as seguintes disciplinas obrigatórias de paisagismo:

AUP 650 – Arquitetura da Paisagem – 8 horas aula semanais – disciplina obrigatória do segundo semestre, que objetiva introduzir o estudante de arquitetura e urbanismo aos fundamentos teóricos da formação da paisagem e da arquitetura paisagística de modo a propiciar a reflexão sobre questões profissionais fundamentais relativas às suas transformações e à prática de projeto paisagístico. Desenvolve habilidades para projetar espaços livres e para a representação de projetos de espaços livres e conceitos relativos a: paisagem, paisagem urbana, paisagismo, espaços livres urbanos, projeto de paisagismo, vegetação como elemento componente do espaço livre, sistemas de espaços livres urbanos e condicionantes econômico-sociais, culturais e ambientais do projeto de espaços livres urbanos.

AUP 652 – Planejamento da Paisagem – 4 horas aula semanais – disciplina obrigatória do quinto semestre, que tem como objetivo desenvolver através de atividades de estúdio e campo procedimentos de avaliação, de proposição e estratégias para a implantação de planos e ações para a constituição de sistemas de espaços livres urbanos a partir de conceitos, métodos e técnicas de planejamento e projeto da paisagem.

Apresenta conceitos relativos a: planejamento

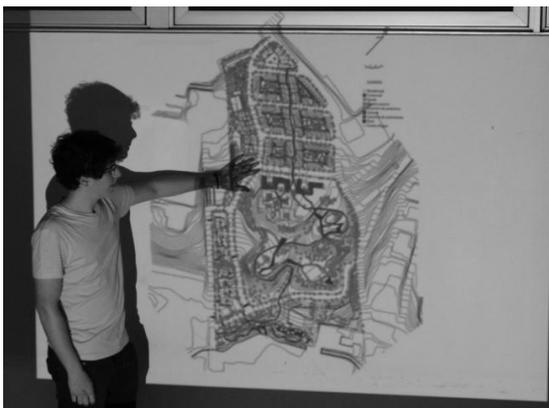


Figura 1. Exercício típico da disciplina AUP 650. Fotografia: Silvio Macedo.

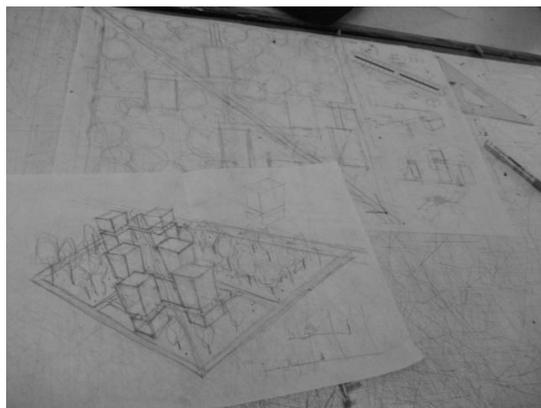


Figura 2. Croquis que buscam desenvolver padrões morfológicos em exercício da disciplina AUP652 em 2014. Fotografia: Silvio Macedo.

da paisagem – conceitos, métodos e técnicas, ecologia da paisagem, paisagem urbana e metropolitana, aspectos ambientais e paisagísticos, no planejamento e no projeto urbano, sistema de espaços livres e legislação ambiental e gestão da paisagem.

AUP 654 – Projeto da Paisagem – 4 horas aula semanais – objetiva aprofundar e desenvolver os conteúdos adquiridos nas demais disciplinas de Paisagismo e avançar no conhecimento e no projeto do paisagismo urbano em especial de espaços livres públicos, praças, parques e calçadas.

Apresenta conceitos relativos a: paisagismo e desenho urbano, elementos da paisagem urbana, projeto urbano e de paisagismo com ênfase a ruas e calçadas, praças e parques urbanos.

O objetivo central dessas disciplinas, como no geral de todas as da faculdade, é formar arquitetos e urbanistas, e o ensino do paisagismo e da morfologia urbana em um curso de arquitetura e urbanismo é apenas uma parte na formação do arquiteto e urbanista.

Como todas as matérias tem caráter prático, de ensino de projeto, a parte teórica é apreendida como resultante e derivação da parte prática, mas esta forma impede de certo modo o aprofundamento teórico, sendo dados apenas fundamentos básicos e não sendo possível aprofundar referências a escolas de pensamento, na medida em que a finalidade central de todas as disciplinas é o ensino da criação e do pensar no espaço e na paisagem e portanto em sua forma.

Os resultados obtidos tem sido o desenvolvimento de trabalhos fortemente baseados em fundamentos de desenho urbano, forma urbana e paisagismo em especial de áreas residenciais e sistemas de espaços livres.

Pesquisa

Durante a segunda metade do século passado, em especial na década de 1980 houve no Brasil um grande incremento dos estudos da forma e do desenho urbano que se sintetizaram nos seminários de Desenho Urbano (Sedur) organizados pela Universidade Nacional de Brasília (UNB).

A partir destes anos, apesar de existir uma continuidade dos estudos sobre o assunto, estes se pulverizaram por centros diversos e as oportunidades de síntese por meio de eventos científicos e publicações não foram tão expressivas quanto naquele período.

Nos cursos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo têm sido inúmeras as pesquisas sobre o assunto, sendo que a UFRJ e a UFMG se constituem dos mais importantes centros de pesquisa do país em especial pelo trabalho das doutoras Vera Regina Tangari e Stael de Alvarenga.

Em 2011 iniciamos no Laboratório Quadro do Paisagismo no Brasil (QUAPÁ) um novo projeto de pesquisa, de abrangência nacional intitulado ‘Os sistemas de espaços livres e a constituição da forma urbana contemporânea brasileira’ projeto temático de pesquisa, cujos primeiros resultados têm dado origem a publicações e servido de base conceitual e metodológica para textos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de servir como importante subsídio para as disciplinas de graduação e trabalhos de formatura. O projeto elabora sobre quatro vertentes: tipos morfológicos, espaços livres, agentes produtores e legislação urbanística e ambiental. Os estudos em questão tem sido aplicados nas disciplinas obrigatórias de Paisagismo citadas, colaborando

Aspectos morfológicos - São Paulo

Volumetria Construída

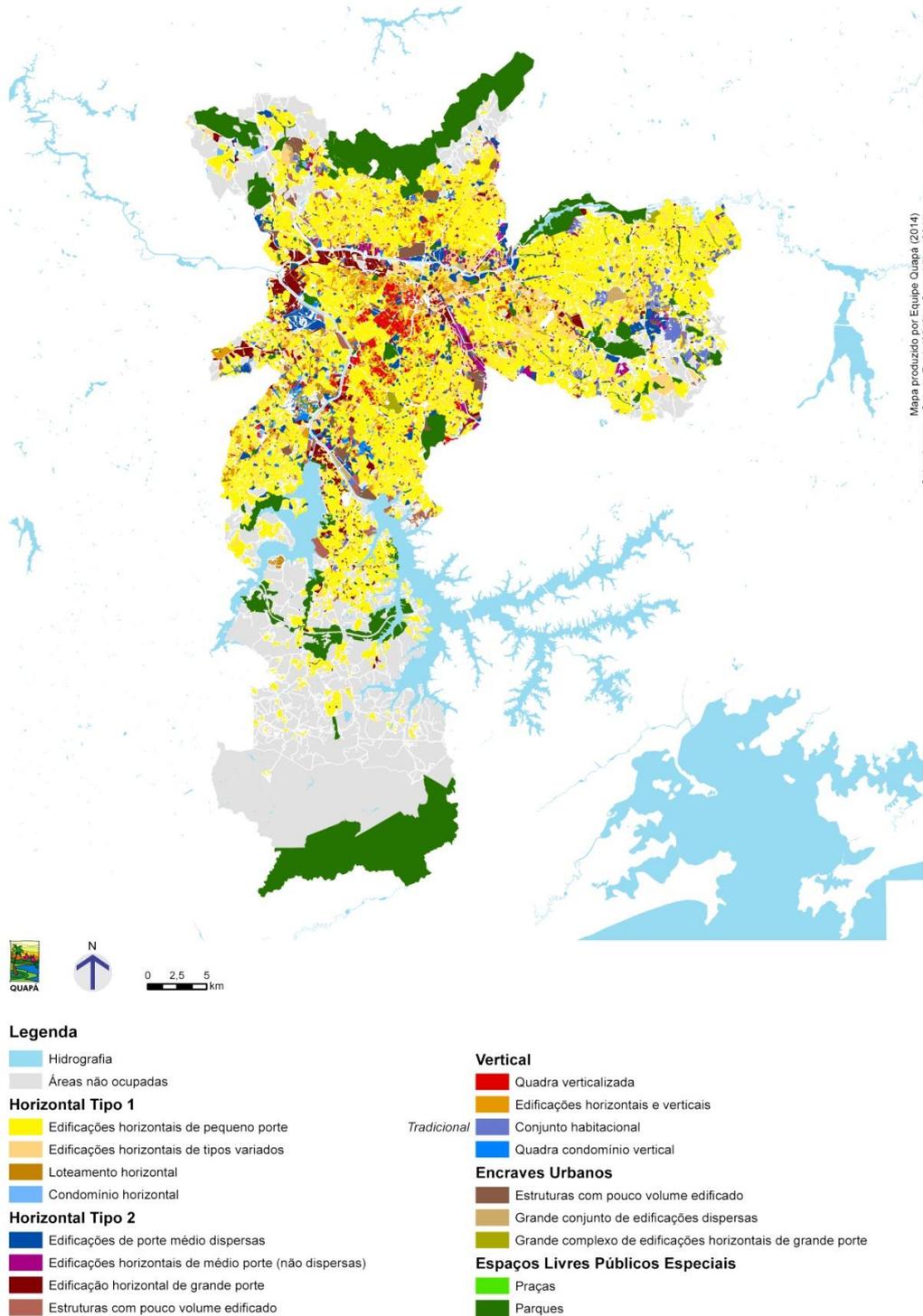


Figura 3. Mapa produzido na pesquisa QUAPÁ SEL 2 que identifica as principais características morfológicas da cidade de São Paulo, sendo já utilizado como apoio as disciplina AUP 652 Planejamento da Paisagem.

na interface entre os estudos e projetos de paisagismo e de forma urbana.

O principal ganho, foi justamente a inserção destes conceitos no cotidiano das disciplinas de graduação. Mapas temáticos como este e muitos outros passam a ser utilizados nas disciplinas como apoio a projetos e planos.

Referência bibliográfica em Morfologia Urbana

Macedo, S. S. (2014) *Ensino de Paisagismo, procedimentos e métodos* (Anais do Enepea, Vitória).

Projectar nas ‘franjas urbanas’. Um ‘processo’ entre escalas, objectos e temas diversos

Sara Sucena-Garcia, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa, LEP – FCT, Universidade Fernando Pessoa; CAPP – ISCSP, Universidade de Lisboa; MDT – CEAU, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. E-mail: ssg@ufp.edu.pt

O ensino da Morfologia Urbana no MIAU da Universidade Fernando Pessoa assenta essencialmente na disciplina de Projeto (presente nos 5 anos do curso) e estrutura-se em torno da complexidade crescente do objeto de estudo, partindo da unidade mais elementar de organização entre as peças urbanas – a casa e o lote – para gradualmente começar a questionar a cidade, primeiro a consolidada, a da forma (mais) estável, e, no 4º ano, a cidade não consolidada, instável pelo que nos mostra – as formas que se contrapõem – e por aquilo que poderá vir a ser. Neste penúltimo ano do Curso, na disciplina de Projeto de Intervenção Urbanística, aquela que finalmente foca o trabalho na cidade, conferindo o protagonismo ao tecido urbano e já não ao edifício enquanto objeto preponderante do desenho, o tema é a reorganização de uma parte urbana de média dimensão.

O contexto. Os casos de estudo localizam-se nas ‘franjas da cidade’, no limite do que vulgarmente se poderá designar ‘periferia’, em contextos espaciais predominantemente não consolidados. Aí, onde o tempo foi depositando os mais variados objetos (em temas e escalas) e estabeleceu as mais diversas e, com frequência, inesperadas ligações, as áreas são complexas; exatamente por essa mistura. Lado-a-lado encontram-se (muito) diferentes tipologias e usos – a casa unifamiliar isolada, geminada ou em banda, os edifícios multifamiliares de média altura, os edifícios de maior porte, correntemente fábricas (mais e menos modernas), algumas (quase) abandonadas; mas também espaços comerciais e alguns equipamentos (e.g. a igreja, o cemitério, etc.).

O sítio. Uma área predominantemente ‘livre’ de edificação e de grande dimensão constitui o

espaço efetivo de proposta por parte dos estudantes. No seu interior haverá elementos de restrição ou sensibilidade especial – e.g. arborização, topografia acidentada, linha de água – e eventualmente algum edifício(s) ‘perdido’, no presente sem impacto organizador. Nos seus limites externos, linhas de grande irregularidade geométrica, o ‘fragmento’ será a palavra de ordem – tecidos (aparentemente) interrompidos, marcados pela diversidade morfológica; o edifício isolado e único, porque tipológica ou funcionalmente distinto dos restantes; as vias que, estruturando os ‘pedaços’ de tecido, nem sempre constituem rede, ou concretizam-na em tramos de configuração diversa e desigual quanto à capacidade de servir e ao grau de urbanidade representada. Ainda os usos, edificados ou não, variados na agregação possível, e que, embora sejam maioritariamente habitacionais, admitem outros – comerciais, de serviços, eventualmente industriais.

O programa. Sendo livre, o programa de intervenção é orientado para a resolução de alguns dos problemas diagnosticados na área através da operação predominantemente morfológica. O exercício foca essencialmente e prioritariamente a estabilização “formal” do lugar por recurso à leitura (análise) dos diversos tecidos aí presentes – os supra referidos ‘fragmentos’ de diversa dimensão e diversa temporalidade – e por um projeto que os articule, inter-relacione e cosa, proporcionando-lhes sentidos não antes tidos, ou perdidos.

O processo. O trabalho desenvolve-se, numa primeira fase, em grupo de 3-5 estudantes de modo a, por um lado, minimizar o impacto perante o contexto de projeto menos familiar, promovendo a discussão sobre ele; e, por outro,

suportar a organização da análise temática que se distribui e articula entre os vários alunos. O estudo centra-se especialmente na compreensão dos tecidos urbanos presentes, decompondo os elementos que os constituem, através de leituras a várias escalas, e raciocinando sobre os papéis que em cada uma desempenham. Após a etapa analítica, as fases seguintes do trabalho – definição de estratégia e sua concretização a escalas diversas – são individuais.

Na sequência do trabalho desenvolvido nos anos anteriores, nos quais o tecido coeso e morfologicamente estável da cidade tradicional constitui o cenário para enquadramento e justificação das peças arquitetónicas que se projetam, cujos programas diversos criam e exploram distintas relações com a cidade, o penúltimo ano do Curso reflete a abertura aos desafios da cidade contemporânea. As ‘franjas da cidade’ são situações de transição onde permanece um determinado grau de coesão entre as peças que fazem tecido(s) urbano, mas onde coexiste também um certo grau de desagregação, no seu conjunto conformando espacialidades onde se testam e se reinterpretem conceitos e instrumentos.

A ‘repetição’ de ‘unidades’, que não sendo exatamente as mesmas parecem sê-lo, constrói a imagem de alguma monotonia; em simultâneo, exaltando a ‘diferença’ (Secchi, 2006 [2000]). A coexistência de modos de intervenção planeados e não planeados em localizações (aparentemente) aleatórias, que permite identificar a casa ou o edifício individual, mas também os conjuntos volumétricos decorrentes de processos de loteamento, concretiza a imagem de desorganização, esta agravada pela interrupção súbita e incompreensível de frentes edificadas, ou pela irregularidade viária (de traçado, de perfil) e o frequente *cul-de-sac*. Acresce a essa diversidade edificada, a presença de algumas áreas vazias de construção ou de uso evidente, de distinta dimensão e em localização intermédia. E acresce ainda a presença do tempo, dos diversos momentos e lógicas de implantação e organização espacial.

É desta matéria que se constrói o território urbanizado em estudo – a ‘escritura da cidade nota por nota’, como diz Secchi (2006 [2000], p. 73) comparando-a com a música – numa clara e (já) clássica contraposição com a urbe dita consolidada; e é com ela que se pretende confrontar o estudante. Habitado a projetar em ambientes de cidade mais estáveis, a passagem para esta outra realidade, ‘de franja’, é abrupta e o choque expectável. Ainda assim, são também estes os contextos onde o arquiteto tem de operar e a Universidade tem obrigação de lhe fornecer ferramentas e pensamento organizado para que a reação, mais tarde, não seja o recuo ou a

imobilidade. Ou, talvez pior, a intervenção egocêntrica, que domina esses ambientes; ato de indiferença, com frequência resultado de não saber como lidar com a(s) preexistência(s). A questão de difícil resposta que se coloca é a de como dar coerência ao todo (Secchi, 2006 [2000])? Como (contribuir para) fazer cidade dessas peças soltas?

O modo como o aluno dá os primeiros passos neste novo ambiente de projeto é, exatamente, prova da sua pertinência académica. A reação de bloqueio inicial e a sensação de desorientação, como se não tivesse na sua bagagem formativa meios de compreender e operar sobre os espaços propostos, são a constante que revela a necessidade, para não dizer dever, de ensinar a agir nesses ambientes; mas é também nessa constante que se funda igualmente o desafio para o docente. O ano letivo estrutura-se, então, na interpretação daquela realidade, desmontando alguma da sua complexidade (que inevitavelmente haverá que simplificar), identificando os instrumentos operativos, os conceitos, os atributos de desenho que a propósito dela importa repensar.

A leitura dos tecidos urbanos presentes permite visitar as noções que distinguem os elementos morfológicos urbanos, ajustando os entendimentos estabilizados a escalas de trabalho diferentes, agora (mais) macro. As ruas, os edifícios e as parcelas, os elementos que Panerai *et al.* (1999) identificam como base da constituição do tecido, são reinterpretados em novas dimensões; tal como o quarteirão. Do mesmo modo, o tecido é apreendido nas variantes que resultam das diferentes agregações dos elementos anteriormente referidos e dos processos que os suportam (Solà-Morales, 1997), enriquecendo-se com a mais lata interpretação de ‘bairro’ e a contribuição dos restantes elementos que, segundo Lynch (1982 [1960]), estruturam a ‘imagem da cidade’. A concentração de diversos tecidos de reduzida extensão em áreas relativamente contidas permitem ainda operacionalizar as noções de fragmento(s), assim como a (procura) da ‘distância adequada’ entre objetos (Secchi, 2006 [2000], p. 95) e também a das relações formais complementares e indissociáveis entre ‘cheio’ e ‘vazio’, excelentemente traduzida por Távora (1996 [1962], p. 12) – ‘a de que o espaço que separa – e liga – as formas também é forma’.

Torna-se, portanto, hoje, fundamental preparar os jovens candidatos a arquitetos para agir em âmbitos de projeto que ganharam preponderância nos últimos anos / décadas na relação com a enorme expansão da urbanização verificada mundialmente, ajustando o saber aos cenários específicos do nosso tempo. Embora espaços de interpretação menos (ou pouco) consensuais e

ainda atualmente considerados ‘menores’, menos importantes ou interessantes, do que os dos centros históricos ou do que aqueles que constituem a cidade dita consolidada, talvez por isso mesmo, sejam aqueles ‘espaços de franja’ dos que mais carecem de aprendizagem. Nos limites da (parte consolidada da) cidade, são esses que, pela diversidade morfológica e programática que contêm, melhor permitem estruturar a flexibilidade de entendimento(s) e de intervenção que é primordial para o arquiteto contemporâneo; na verdade, para o ser humano contemporâneo.

Referências

- Lynch, K. (1982 [1960]) *A imagem da cidade* (Edições 70, Lisboa).
- Panerai, P., Depaule, J. C. e Demorgon, M. (1999) *Analyse urbaine* (Éditions Parenthèses, Marselha).
- Secchi, B. (2006 [2000]) *Primeira lição de urbanismo* (Editora Perspetiva, São Paulo).
- Solà-Morales, M. (1997) *Las formas de crecimiento urbano* (UPC, Barcelona).
- Távora, F. (1996 [1962]) *Da organização do espaço* (FAUP Publicações, Porto).

O ensino da Morfologia Urbana na FAUP

Teresa Calix, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – Morfologias e Dinâmicas do Território, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto. E-mail: teresa.calix@arq.up.pt e **Manuel Fernandes de Sá**, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – Morfologias e Dinâmicas do Território, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto. E-mail: mfsa@arq.up.pt

O ensino da Morfologia Urbana no Mestrado Integrado em Arquitectura (MIArq), da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP), encontra espaço de experimentação em dois momentos distintos de consolidação das capacidades instrumentais e conceptuais para o exercício do projeto: o Projeto 2, no 2.º ano, e o Projeto 5, no 5.º ano.

Com efeito, ainda que a cidade e o espaço urbano apareçam sempre como enquadramento e referente das propostas de projeto desenvolvidas ao longo do MIArq, parece claro que o exercício de requalificação de uma área de cidade consolidada que permitirá refletir, construir e fundamentar uma leitura do lugar estudando as relações entre o objeto arquitetónico e a área urbana onde se localiza, no Projeto 2, e, mais tarde, a intervenção urbanística num sector com dimensão e complexidade apreciáveis que considere as dinâmicas urbanas observadas, os objetivos e as motivações dos agentes, os instrumentos de planeamento e os sistemas estruturais, no Projeto 5, são os dois momentos efetivos de ensino prático da Morfologia Urbana.

Porém, o Projeto 5, ao constituir uma plataforma de experimentação que ultrapassa uma visão essencialmente formalista da questão urbana, incorporando uma diversidade de conhecimentos teóricos e projetuais que, de uma forma mais profunda, permitem ler e

compreender o território, assume-se enquanto projeto em espaço urbano por excelência. Como tal, o Projeto 5 é o espaço privilegiado do ensino das formas urbanas, incorporando os agentes e os processos de transformação, razão pela qual atenderemos, doravante, ao âmbito de reflexão disponibilizado por este.

O Projeto 5 determina, então, uma reflexão profunda sobre a Morfologia Urbana nos seus múltiplos espaços de materialização – o território da urbanização, a cidade consolidada, o objeto ou o conjunto arquitetónico – e, sobretudo, considera essa materialidade e respetiva espacialização como um produto da sociedade, o que, na sua condição contemporânea, corresponde a um quadro específico, mas plural, interatuante e altamente complexo de fenómenos sociais, culturais e políticos.

Tendo em vista o domínio das escalas e o controlo da forma e da dimensão dos espaços urbanos, integrando uma visão sistémica que considera a sobreposição, a simultaneidade e a interdependência entre os diferentes enfoques temáticos e quadros de pertinência em permanente transformação, o ensino da Morfologia Urbana estrutura-se, no Projeto 5, em função do tema central que determina o programa – o Projeto Urbano – reconhecido como um espaço de articulação entre o Plano e o Projeto e incorporando os tempos e as incertezas próprias

da pluralidade dos processos e dos agentes.

O exercício a desenvolver inicia-se com o reconhecimento das temáticas e dos materiais subjacentes ao Projeto Urbano. Com efeito, a preparação teórica prévia no âmbito do urbanismo, não supre as deficiências na aplicação dos conhecimentos adquiridos que se revelam, desde logo, na dificuldade em compreender os diferentes níveis de abordagem para caracterizar e, naturalmente, para projetar em espaço urbano.

A caracterização prospetiva, evidenciando os vários temas da Morfologia Urbana, apresenta-se, então, como o garante da definição consistente de uma estratégia de intervenção urbanística que expresse um conjunto de intenções caracterizadoras e, sobretudo, qualificadoras da identidade, da imagem e da especificidade territorial em estudo. Criar ou legitimar determinadas identidades urbanas que potenciem novas relações, novos usos e condições indutoras de novas dinâmicas numa perspetiva de regeneração urbana, pressupõe, então, reconhecer os valores próprios da realidade em estudo, evidenciando, particularmente, as características das formas existentes. Para tal, será necessário um conhecimento aprofundado do quadro atual e das suas tendências de evolução designadamente no que respeita aos tecidos urbanos (fatores de heterogeneidade, identidade, centralidade e estrutura cadastral), sistemas de espaços coletivos (caracterização e deteção do seu potencial de transformação), sistemas ecológicos e paisagísticos (diversidade, homogenia, imagem) redes de infraestruturas (hierarquia viária, transportes, saneamento básico), equipamentos (centralidade e valorização urbana), usos e atividades (existentes e futuras).

O programa de intervenção a elaborar constituirá, conseqüentemente, uma síntese da pesquisa efetuada e apresentará os princípios de uma estratégia de reestruturação funcional e urbanística tendo em vista o desenvolvimento do Programa Base e do Estudo Prévio de Ordenamento Urbanístico, em função do qual serão delimitadas unidades de intervenção prioritárias, aprofundadas e operacionalizadas as propostas urbanísticas preconizadas e identificadas as opções programáticas determinantes para a implementação da estratégia proposta. A valorização urbana do lugar objeto do exercício assenta numa perspetiva sistémica, que reforça e qualifica as ligações internas e externas, garantindo o inter-relacionamento e a coesão dos diferentes espaços e considerando o protagonismo estruturante de alguns elementos morfológicos assim como a posição relativa da área em estudo.

Assim, o Projeto Urbano é a matéria central

do Projeto 5 e o quadro de ensino da Morfologia Urbana porque permite explorar as características morfológicas que determinam um enquadramento urbano específico, porque apresenta uma estratégia de revalorização e de reinvenção do mesmo e, sobretudo, porque a sua formulação pressupõe uma decisão voluntarista de transformação urbana. Acresce ainda, para além das razões apontadas, que o Projeto Urbano é o espaço por excelência de articulação entre o planeamento urbano e a arquitetura, não só sob o ponto de vista do desenho do espaço público, mas também no que se refere ao projeto-processo-plano de concretização complexa, que integra, por um lado, as dinâmicas da sociedade e as exigências dos agentes formuladas num determinado momento e, por outro, a indeterminação dos tempos – o curto e o longo prazo – que, em conjunto, influenciam o desenho e os seus diferentes níveis de convicção ou de flexibilidade, considerando, assim, a incerteza como uma condição incontornável da sua concretização.

Para o Projeto Urbano se adaptar às exigências de uma sociedade cada vez mais complexa e à imprevisibilidade do seu futuro tem que assegurar uma visão que procura antecipar as transformações através de ‘regras’, processuais ou formais, e de ‘âncoras’ destacando, por esta razão e pela sua importância e perenidade, o Sistema de Espaços Coletivos, a que se atribui especial atenção, uma vez que o seu desenho estruturante assegura a coerência funcional e estética entre a urbanização e a edificação.

Em suma, procurando ‘proporcionar condições para o desenvolvimento de uma reflexão aprofundada sobre as questões da cidade e do território, discutindo métodos de abordagem e instrumentos de ordenamento; divulgando um raciocínio estratégico de intervenção; propondo formas de gestão da incerteza subjacente à intervenção na cidade; introduzindo a questão da pluridisciplinaridade e praticando o desenho da cidade e o controle da escala urbana’ (Sá, 2003, pp. 10-1), o ensino da Morfologia Urbana implícito no exercício a desenvolver em Projeto 5 pressupõe, hoje, a continuidade do programa, dos conteúdos e da metodologia de ensino subjacentes à unidade curricular desenvolvida desde 1997.

Referência

Sá, M. F. de (2003) *Planos operativos de escala intermédia: caracterização técnica e arquitectónica*, Provas de Agregação, Universidade do Porto, Portugal.

Da morfologia urbana à análise espaço-funcional

Teresa V. Heitor, Núcleo Arquitectura do CERIS, Instituto Superior Técnico, Av. Rovisco Pais 1, 1049-001 Lisboa. E-mail: teresa.heitor@tecnico.ulisboa.pt

O meu primeiro contacto com um modelo estruturado de ensino da morfologia urbana ocorreu nos anos de 1983-84, quando frequentei o Mestrado em Desenho Urbano no *Joint Centre for Urban Design* em Oxford, atualmente integrado na *Oxford Brookes University*.

Sob a batuta de Ivor Samuels fui então confrontada com os modos de abordar a forma urbana desenvolvidos pelas designadas ‘escolas’ italiana, britânica e francesa, emergindo em autores como Muratori, Aymonino, Rossi, Conzen, Castex e Peneira e nas suas metodologias de descrição e análise espacial. Isto já para não falar do inesquecível encontro com Italo Calvino (1972) feito a partir da leitura das *Cidades Invisíveis*.

Tais abordagens eram entendidas como ‘elementos de leitura privilegiada da forma urbana’, e utilizadas para analisar as alterações e as permanências ocorridas no tempo, conduzindo à consciência de que a forma urbana só poderia ser compreendida quando interligada com os fenómenos sociais que lhe deram origem. A decomposição dos elementos morfológicos em categorias analíticas não faria pois qualquer sentido se fosse feita de forma descontextualizada e sobretudo se desvalorizasse os ‘acontecimentos’ que estiveram presentes nos vários momentos da sua formação.

Certo é que as reflexões sobre a forma urbana então propostas pelo coletivo de Oxford estavam muito centradas na relação entre o Homem e o Ambiente Construído, colocando o homem (biológico, cognitivo e social) como centro do planeamento e do desenho urbano. O livro *Responsive Environments: A Manual for Designers* (Bentley *et al.*, 1985) para o qual todos contribuíamos empenhadamente naquele tempo, ilustra bem as orientações seguidas. E foi neste ambiente, fortemente estimulante, que tomei contacto com a obra magistral de Amos Rapoport (1977) *Human Aspects of Urban Form*, e que Bill Hillier, ainda com *The Social Logic of Space* (Hillier e Hanson, 1984) no prelo, nos visitou para dar a conhecer a teoria da sintaxe espacial e falar sobre o trabalho de investigação do seu grupo do *University College London*, insistindo na necessidade de compreender a ligação entre Homem-Ambiente e dar uma resposta tendencialmente mais científica às relações de causalidade espaço-sociedade.

Para Hillier, a leitura do espaço construído, fosse à escala da cidade, fosse à escala da edificação, teria que passar inevitavelmente pela análise do modo como este fora modelado em função do contexto e das solicitações sociais do momento. Implícito, estava o conceito de espaço construído enquanto entidade cognoscível, com leis e convenções sociais que se apresentam sob a forma edificada, em resposta a diversos contextos. A tese central é de que se alguma relação existe entre atributos sociais e espaciais, esta não se revela ou se esclarece apenas através da ordem visível, ou seja dos aspetos aparentes ou simbólicos, ou da função exercida, mas encontra-se subjacente na estrutura espacial da forma física. Do mesmo modo, abordar a sociedade, exigia também reportar à forma da sua realização e organização no espaço.

O propósito da sintaxe espacial seria portanto estudar o espaço construído e, através da sua descrição e análise, interpretar a lógica da sua organização e composição, identificar as suas propriedades estruturantes e avaliar as suas condições de uso e implicações funcionais. Para Hillier o espaço construído também tinha ‘leis próprias’, o que obrigava a entendê-lo simultaneamente como variável dependente e independente: dependente porque resultava de um processo social; independente porque também produzia efeitos.

A partir destas abordagens, e já no Técnico, não esquecendo o suporte teórico de Mário Kruger, abriu-se-me um novo campo de investigação, posteriormente conjugado com o ensino, que mais tarde designaria por Estudos Espaço-Funcionais. A ênfase foi então colocada nas implicações funcionais do espaço construído. Tanto à escala da cidade como da edificação, o espaço construído é abordado não apenas enquanto instrumento de aquisição de valores conjecturais ou simbólicos que representa ou reproduz uma determinada realidade social mas também na sua capacidade de constituir essa mesma realidade, promovendo diferentes formas de fruição.

Conjugando uma visão integradora das fases de produção / conceção e ocupação / uso do espaço construído, o foco foi orientado para a análise do uso – enquanto fator que possibilita a transformação de ‘espaços em lugares’ – e para a valorização do ponto de vista do utilizador, seu

destinatário final, e portanto imprescindível à compreensão da realidade construída.

A didática seguida baseia-se em práticas reflexivas, através de discussões orientadas em torno da dimensão funcional do espaço construído e das suas implicações sociais. Como se torna o espaço praticável? Como o espaço interage com as organizações sociais que acolhe? Como avaliar o desempenho dos espaços construídos em situação de uso? As duas primeiras questões incidem na interação entre espaço e usos. A primeira aborda aspetos relativos ao processo de espacialização das organizações sociais e a segunda explora os modos como o espaço intervém nessas mesmas espacializações. Na primeira o espaço é tratado como variável dependente e na segunda como variável independente. Porém, no prosseguimento da reflexão sobre a interação espaço-uso, coloca-se uma interrogação de fundo: o que é efetivamente relevante nesta interação para a área disciplinar da arquitetura? A terceira questão colocada decorre deste raciocínio.

Nos trabalhos produzidos detetam-se duas linhas centrais: uma com carácter interpretativo, centrada na descrição do espaço e das suas capacidades funcionais; outra, com carácter fundamentalmente operativo, focalizada em protocolos de avaliação de desempenho. No primeiro grupo, o esforço de investigação dirige-se para a identificação e compreensão dos atributos espaciais com mediação direta no uso. Incide na construção de modelos conceptuais com capacidade para explorar e compreender as suas

propriedades estruturantes. Estas propriedades de serem estabelecidas, no sentido em que correspondem ao conceito de *affordance* proposto por Gibson (1986), constituem instrumentos analíticos com capacidade para explorar e compreender o uso do espaço. No segundo grupo o esforço de investigação denota um conteúdo eminentemente prático. Apoia-se num discurso normativo dirigido para a definição de instrumentos de avaliação, de estratégias de intervenção e de soluções conceptuais, destacando-se pelo pragmatismo dos trabalhos, dirigidos para a obtenção de informação relevante destinada a ser diretamente aplicável na correção de problemas decorrentes dos usos praticados bem como em novos projetos.

Referências

- Bentley, I., Alcock, A., Murrain, P., McGlynn, S. e Smith, G. (1985) *Responsive environments: a manual for designers* (The Architectural Press, Londres).
- Calvino, I. (1972) *Le città invisibili* (Giulio Einaudi Editore, Turim).
- Gibson, J. J. (1986) *The ecological approach to visual perception* (L. Erlbaum, Hillsdale).
- Hillier, B. e Hanson, J. (1984) *The social logic of space* (Cambridge University Press, Cambridge).
- Rapoport, A. (1977) *Human aspects of urban form: towards a man-environment approach to urban form and design* (Pergamon Press, Oxford).

O ensino da Morfologia Urbana no ISCTE-IUL

Teresa Marat-Mendes, Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, DINÂMIA'CET-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa. E-mail: teresa.marat-mendes@iscte.pt

O Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa ISCTE, hoje designado por Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, foi fundado em 1972 e encontrava-se essencialmente vocacionado para as ciências sociais, empresariais e tecnologias. Foi nesse contexto que o curso de Mestrado em Desenho Urbano do ISCTE teve o seu início no ano letivo 1995-1996. Coordenado pelo Professor Manuel C. Teixeira este curso, integrado na área científica de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE, procurava promover: i) uma maior articulação entre a Arquitetura e as Ciências Sociais; ii) uma efetiva ligação do

ensino da Arquitetura e do Desenho Urbano à prática profissional; e iii) uma investigação de estratégias para o desenho da cidade contemporânea a partir de uma reavaliação de morfologias urbanas tradicionais das cidades portuguesas (Teixeira, 1997). A ligação do curso à sociedade foi assegurada através de um conjunto de protocolos entre o ISCTE e várias autarquias da zona envolvente da cidade de Lisboa, o que permitiu o desenvolvimento de vários estudos analíticos desenvolvidos na disciplina de Projeto Urbano sobre situações reais e a elaboração de um conjunto de propostas de

recomposição.

Os anos iniciais do curso foram marcados pela temática da requalificação urbanística de zonas periféricas em processo acentuado de degradação. A partir do ano letivo 2002-2003 o curso optou por uma nova modalidade de trabalho, na sua disciplina de Projeto Urbano, através da redução do tempo dedicado à análise bem como através da ampliação do número de casos de estudo em análise. Pretendia-se ensaiar uma maior variedade de soluções e estímulos a uma maior criatividade nas intervenções (Cunha, 2002).

O corpo docente que integrava esse curso era constituído por um conjunto de professores provenientes de diferentes áreas científicas do ISCTE mas também de outras instituições universitárias, assegurando a lecionação das disciplinas teóricas, disciplinas práticas, seminários e a orientação de dissertações. A convite do Professor Manuel C. Teixeira, vim a integrar o corpo docente do Curso de Mestrado em Desenho Urbano do ISCTE, no ano letivo de 2001-2002. O convite sugeria a introdução de conteúdos científicos e pedagógicos que alargassem uma leitura comparativa de modelos de análise da forma urbana conforme aplicados em diferentes escolas de morfologia urbana, reconhecidas no âmbito académico internacional, bem como uma linha do estudo da Forma Urbana desde a perspetiva da Sustentabilidade.

Frequentado por estudantes de várias gerações, maioritariamente arquitetos, mas também estudantes de distintas áreas disciplinares e técnicos profissionais, o curso de Mestrado em Desenho Urbano proporcionou a conclusão de uma série de Dissertações de Mestrado, desenvolvidas por alguns estudantes que posteriormente vieram a integrar o corpo docente da Licenciatura em Arquitetura do ISCTE (com início no ano letivo de 1999-2000), posteriormente designado de Mestrado Integrado em Arquitetura (MIA) aquando da sua adequação a Bolonha em 2008. Alguns destes estudantes vieram mais tarde a concluir também as suas teses de doutoramento no ISCTE-IUL, nomeadamente Silva (2008), Guerreiro (2010), Paio (2011) e Sampayo (2011), dando continuidade ao estudo da forma urbana aplicado às cidades portuguesas, conforme enraizado no curso de Mestrado em Desenho Urbano.

Ao todo foram seis as dissertações de mestrado realizadas por estudantes do curso de Mestrado em Desenho Urbano que hoje são docentes do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL (Silva, 1998; Guerreiro, 2002; Paio, 2002; Sampayo, 2002; Pinto, 2004; Gomes, 2007), que abordando temáticas distintas são contudo convergentes no que concerne ao interesse pelo estudo da forma urbana. Também a participação do Professor

Giancarlo Cataldi, da Universidade de Florença, uma reconhecida personalidade da Escola de Morfologia Italiana, hoje presidente do *International Seminar on Urban Form* (ISUF), constituíram uma referência para o curso de Mestrado em Desenho Urbano. Esta participação deu-se na qualidade de arguente nas provas públicas do júri de mestrado de Guerreiro (2002) e num seminário no curso de mestrado no ano letivo 2001-2002, realçando a estreita articulação do ensino ministrado no curso de Mestrado em Desenho Urbano nomeadamente com a corrente de morfologia urbana desenvolvido pela Escola Italiana.

A integração de docentes e ex-alunos do curso de Mestrado em Desenho Urbano, na Licenciatura em Arquitetura, atual Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE, ofereceu certamente continuidade à prática de uma cultura analítica e criativa iniciada no curso de mestrado em Desenho Urbano em 1995, conforme referido por Cunha (2002). Dos vários docentes e discentes que integraram o curso de Mestrado de Desenho Urbano, o MIA do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE integra hoje oito docentes, incluindo Alexandra Paio, Luís Miguel Gomes, Mafalda Sampayo, Paula André, Pedro da Luz Pinto, Rosália Guerreiro, Teresa Madeira da Silva e Teresa Marat-Mendes.

O ensino do Projeto de Arquitetura e do Projeto Urbano no MIA têm constituído certamente os dois principais instrumentos na promoção do ensino da morfologia urbana no ISCTE-IUL. No entanto, a criação de novas unidades curriculares (nomeadamente optativas) e de novos produtos de ensino têm também contribuído para abrir o estudo da morfologia urbana no ISCTE a novas perspetivas e contextos metodológicos. Destacam-se as unidades curriculares de: i) 'Síntaxe Espacial e Complexidade', lecionada por Rosália Guerreiro e Sara Eloy, que permitiu dirigir o estudo da forma urbana no âmbito da complexidade espacial; ii) 'Urbanismo Ecológico', lecionada por Teresa Marat-Mendes, que permitiu dirigir o estudo da forma urbana no âmbito da sustentabilidade urbana, integrando o estudo do Metabolismo Urbano; mas também iii) as já extintas unidades curriculares 'Morfologia Urbana e Tipologia Arquitetónica' e 'Teoria do Desenho Urbano Contemporâneo', lecionadas por Teresa Marat-Mendes entre 2008 e 2010 onde vários conteúdos no âmbito do estudo da morfologia foram ministrados no ISCTE. Complementarmente, também a abertura da Pós-graduação em Arquitetura Digital, coordenada por Alexandra Paio (ISCTE) e José Pedro Sousa (FAUP) permitiu alargar o estudo da forma urbana no âmbito das tecnologias digitais e das gramáticas das formas.

Contributos do estudo da morfologia urbana no âmbito da disciplina de Projeto Urbano e de algumas dissertações de mestrado recentemente desenvolvidas no ISCTE-IUL foram já testemunhados em dois encontros da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, o PNUM 2012 e o PNUM 2013, e outros eventos mais recentes (ver Gregório e Marat-Mendes, 2014; Lopes *et al.*, 2013; Marat-Mendes e Oliveira, 2012; Marat-Mendes e Silva, 2013; Sampayo e Silvestre, 2014; Silvestre e Sampayo, 2014).

Resumindo, ao longo das últimas duas décadas, o estudo da forma urbana tem encontrado espaço e oportunidade para se desenvolver e atualizar no ISCTE-IUL. Isto, através do importante papel que os discentes e os docentes do antigo curso de Mestrado em Desenho Urbano, hoje docentes do ISCTE-IUL, tiveram através de um contínuo exercício de atualização do estudo da forma urbana nas suas práticas pedagógicas mas também perante uma continuada prática de investigação, que tem permitido a construção de novo conhecimento através da abertura do estudo da forma urbana a novos contextos geográficos, instrumentos de trabalho, bem como a integração de novos problemas em análise.

Referências

- Cunha, L. (2002) *Cadeira prática de Projeto. ISCTE-Mestrado em Desenho Urbano. Ano letivo 2002-2003*, Documento manuscrito policopiado (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Lisboa).
- Gomes, L. M. M. (2007) 'Geometria dos traçados urbanos de fundação portuguesa: o tratado da Ruação de José Figueiredo Seixas', Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Guerreiro, M. R. da P. (2002) 'O Território e a edificação: o papel do suporte físico natural na génese e formação da cidade portuguesa', Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Guerreiro, M. R. da P. (2010) 'Urbanismo orgânico e a ordem implícita: uma leitura através das geometrias da natureza', Tese de Doutoramento não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Gregório, S. e Marat-Mendes, T. (2014) 'Estudos de Urbanismo para Peniche: A obra de Paulino Montez', *Seminário Arquiteturas do Mar da Terra e do Ar – Arquitetura e Urbanismo na Geografia e na Cultura. Cidades desejadas e sonhadas*, Lisboa, 13 a 15 de Outubro.
- Lopes, A., Ribeiro, B., Jardim, M., Martins, R., Cantante, V. e Marat-Mendes, T. (2013) 'Análise morfológica de dois bairros sociais da 1ª metade do século XX, em Lisboa: o Bairro Económico do Alto da Serafina e o Bairro Social do Arco do Cego' em Pinto N. N. e Almeida A. (eds.) *Forma urbana nos territórios de influência portuguesa: análise, desenho, quantificação* (Universidade de Coimbra, Coimbra).
- Marat-Mendes, T. e Oliveira, M. J. (2012) 'A morfologia urbana no projeto urbano. Contributos de uma prática metodológica e pedagógica no ISCTE-IUL' em Sampayo, M. T., André, P. e Marat-Mendes, T. (eds.) *Morfologia urbana nos países Lusófonos* (Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, Lisboa).
- Marat-Mendes, T. e Silva, A., (2013) 'Desenho e forma urbana no território atravessado pelo Aqueduto das Águas Livres' em Pinto N. N. e Almeida A. (eds.) *Forma urbana nos territórios de influência portuguesa: análise, desenho, quantificação* (Universidade de Coimbra, Coimbra).
- Paio, A. C. R. (2002) 'Urbanismo medieval planeado: as novas vilas medievais', Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Paio, A. C. R. (2011) 'urbanGENE: Gramática do Urbano de Origem Portuguesa (séculos XVI-XVIII)', Tese de Doutoramento não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Pinto, P. L. (2004) 'Regulamentação do espaço edificado. Da norma jurídica ao desenho urbano', Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Sampayo, M. G. T. (2002) 'O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas (séc. VIII-XIII)', Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Sampayo, M. G. T. (2011) 'Forma urbana da parte baixa da Lisboa destruída: análise e avaliação da cartografia (1756-1785)', Tese de Doutoramento não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Sampayo, M. G. T. e Silvestre, C. (2014) 'The impact of Lisbon's subway development on Avenida da República' em Oliveira, V., Pinho, P., Batista, L., Patatas, T. e Monteiro, C. (eds.) *Our common future in Urban Morphology* (FEUP, Porto) 401-14.
- Silva, T. M. (1998) 'Estudo morfológico da cidade de São Tomé no contexto urbanístico das cidades insulares atlânticas de origem portuguesa', Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.

- Silva, T. M. (2008) 'O lugar arquitectónico: um modelo teórico de interpretação', Tese de Doutoramento não publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Portugal.
- Silvestre, C. e Sampayo, M. G. T. (2014) 'O processo de transformação da Avenida da República em Lisboa como consequência do metropolitano', *Seminário Arquiteturas do Mar da Terra e do Ar – Arquitetura e Urbanismo na Geografia e na Cultura. Cidades desejadas e sonhadas*, Lisboa, 13 a 15 de Outubro.
- Teixeira, M. C. (1997) 'Mestrado em desenho urbano. Os seus princípios de referência e objetivos', *Jornal dos Arquitectos* 171/2, 12-3.

Análise urbana na ETSA da Coruña

Xose L. M. Suarez, Escola Técnica Superior de Arquitectura, Campus da Zapateira, 15071 - A Coruña, Espanha. E-mail: xlms28@yahoo.es, **Candido Lopez**, Escola Técnica Superior de Arquitectura, Campus da Zapateira, 15071 - A Coruña, Espanha. E-mail: candido.lopez@udc.es, **Vazquez Mosquera**, Escola Técnica Superior de Arquitectura, Campus da Zapateira, 15071 - A Coruña, Espanha. E-mail: xmvm@udc.es, **Afonso D. Revilla**, Escola Técnica Superior de Arquitectura, Campus da Zapateira, 15071 - A Coruña, Espanha. E-mail: a.diaz.revilla@udc.es e **Cristina G. Fontan**, Escola Técnica Superior de Arquitectura, Campus da Zapateira, 15071 - A Coruña, Espanha. E-mail: cgarciat@udc.es

O programa do Departamento de Projetos Arquitectónicos e Urbanismo da Escola Técnica Superior de Arquitectura da Galiza, para as disciplinas de Urbanística I e Projetos IV, parte de um entendimento do Projeto Arquitectónico como '...a previsão de uma alteração futura na ordem obtida por um ambiente antrópico, nas suas diferentes escalas: o edifício, o aglomerado, a cidade e o território' (Caniggia, 1976).

Para além do objeto edificado, interessa-nos sobretudo destacar o Sistema de Relações através do qual qualquer ato projetual se torna parte de um contexto pré-existente incidindo, no tempo, sobre o próprio contexto.

A perceção do espaço pelo aluno como um espaço não-vazio, e a superação da ideia do projeto sobre uma folha em branco, permitirá entender que o espaço em que se desenvolvem os trabalhos de U I e P IV não é um simples suporte de projetos de urbanização ou embelezamento arquitectónico ou urbano, ou de simples obras de decoração vazias de conteúdo.

Pretende-se que o espaço seja concebido, desde os primeiros anos do curso, como um domínio em que os objetos edificados a projetar no 'Projeto Arquitectónico' sejam entendidos como inseridos num sistema de relações pré-existentes que configuram uma ordem formal ou estrutural.

A análise urbana torna-se assim uma condição essencial do próprio Projeto.

Os exercícios práticos a realizar durante o curso desenrolam-se num âmbito territorial e

urbano preciso ao longo de todo o curso académico.

Tomam-se como objeto de estudo, análise e projeto, áreas de uma cidade em que seja possível lidar com formas de ocupação diversas e complexas. Desde áreas em que a 'antropização' do território é apenas perceptível nos trajetos ou percursos que se nos apresentam quase como únicas estruturas construídas, até áreas profundamente urbanizadas onde, embora a forma do território possa parecer oculta, uma análise atenta pode revelar a sua presença na lógica da organização da rede urbana.

A seleção da cidade da Corunha, ou de uma cidade próxima, dá a oportunidade ao aluno de uma vivência e experimentação direta do espaço urbano para além da planta e da representação gráfica, sempre redutora em suas formulações.

O primeiro exercício propõe a realização de uma representação gráfica da escala territorial com a utilização de técnicas diversas.

Pretende-se que a partir da Representação e do Desenho do Território se proceda a uma primeira fase de análise do mesmo como condição indispensável para perceber: o território como estrutura física; a estrutura natural do território; o território como estrutura social; e o território como forma. Este processo deve permitir identificar: pontos fortes a nível territorial; linhas de força; e planos de desenvolvimento.

Planeamos assim a Análise do Território a partir dos seus elementos mais relevantes: elementos naturais como rios, riachos, montanhas,

bacias, vales; elementos construídos como infraestruturas, assentamentos, e áreas de produção primária agrícola e florestal.

O trabalho realizado permitirá localizar e ‘ler’, à escala territorial, a área em que se vão desenvolver os exercícios de Urbanística I e Projetos IV.

A partir desta primeira leitura, e identificados os principais itens da escala territorial, os trabalhos de Análise centram-se nas diferentes Fases de implementação da Cidade como Organismo, neste caso centrados numa cidade europeia de origem medieval.

Análise urbana dos tecidos de origem medieval

A aproximação à leitura dos diferentes tecidos pertencentes à cidade de origem medieval passa pelo entendimento da cidade como parte fundamental de um Processo, em que o momento atual (materializado na planta) é um ‘fotograma’ de um filme de uma multiplicidade de guiões que se apresenta cheio de complexidade.

A identificação dos ‘Elementos de Análise Urbana’ e das Relações entre Elementos, em que opera o profissional da arquitetura ou de urbanismo, exige-nos o conhecimento prévio da sequência cartográfica ou dos relatos das descrições históricas que nos possam ajudar a perceber outras leituras, outros olhares ao longo do tempo.

Situámo-nos dentro de um cenário a modificar para se adaptar aos requisitos coletivos ou individuais, um cenário do qual fazemos parte, e que se visualiza no solo e nas suas formas de uso e apropriação, nas ruas (matrizes, de implantação do edificado, de união), nas parcelas, nos tipos edificatórios (básicos ou especializados), na forma de agregação dos tipos (ilhas em fila, simples ou duplas, ilhas compactas, com pátio ou em bloco) e nos espaços livres de uso público (praças nas suas diversas formulações mercantis, religiosas, institucionais ...).

Análise das extensões urbanas: a cidade aberta, dos *ensanches* aos planos gerais

Identificar no tempo e no espaço os inovadores e intensos movimentos demográficos induzidos pela primeira revolução industrial (a fábrica como local de concentração da mão de obra) e a consequente revolução urbana num país esmagadoramente rural, permite-nos confrontar com os ‘tempos’ das lentas e pausadas dinâmicas da ‘urbanização’ e com o corolário de técnicas próprias da Urbanística, que a partir da segunda metade do século XVIII até a segunda metade do século XX, vão servir de

instrumentos de controlo da forma urbana e com ela das dinâmicas e processos sociais desencadeados pelas forças políticas emergentes.

A prévia leitura crítica da cidade europeia de origem medieval e a identificação dos elementos urbanos que a constituem (parcela, tipo edificatório, quarteirão, rua, praça ...) ajuda-nos a perceber as mudanças e as transformações, com tentativas de controlo da forma urbana a partir de uma nova disciplina: a urbanística. As técnicas dos alinhamentos, da reforma interior, e das expansões de povoações em que se materializa a ideia do grande mercado de solo em que a cidade industrial se constitui sob a conceção da burguesia. A racionalização dos diferentes elementos constituintes dos tecidos urbanos da cidade de origem medieval, a sua codificação para a adaptação aos requisitos da grande máquina do mercado imobiliário e para a melhor eficiência do seu funcionamento com o pretendido objetivo de resolução dos problemas da mobilidade, do transporte ou do alojamento de dezenas, centenas de milhares, ou milhões de pessoas torna-se o *leit-motif* das práticas desenvolvidas na ‘cidade do capital’.

O Plano Regulador ou Plano Geral de Ordenação Urbana é a referência fundamental da cidade Fordista que na sua conceção de ‘máquina’ nos permite compreender o papel regulador de todo o instrumental do planeamento urbanístico nos processos de urbanização na cidade da segunda revolução industrial durante a primeira metade do século XX.

A análise dos elementos urbanos fundamentais que servem de referência para os traçados da grande maioria dos tecidos urbanos põe em evidência o reducionismo dos enfoques mecanicistas e economicistas e a ausência, na maioria das vezes, de uma leitura que estabeleça ligações de conexão com a natureza e com a história sobre as quais toda cidade se constrói.

Análise urbana dos bairros residenciais (promoção de grande escala)

Após a Segunda Guerra Mundial as práticas urbanísticas enquadram-se numa ideia de ‘zoneamento funcional’ e de incorporação nos novos tecidos urbanos dos ‘protótipos edificatórios’ teorizados e ensaiados em pequena escala na época de ‘entre-guerras’.

Os bairros residenciais são áreas que permitem ler na cidade do último terço do século XX, as tentativas de padronização e produção em massa para grupos de população cada vez mais numerosos.

Esta é uma etapa que coincide na Galiza com a fase mais intensa de urbanização.

A ‘parametrização’ da urbanística induz à

quantificação do ‘mensurável’ e à *standardização* do espaço, e com ela a sua ‘isotropização’ de acordo com a leitura hegemónica dos novos operadores urbanos (públicos e / ou privados) de uma cada vez mais poderosa indústria imobiliária.

A ‘objectualização’ do tipo arquitetónico, cada vez mais distanciado da complexidade e variedade das preexistências culturais, na busca de uma condição uniformizadora, ‘prototípica’ e universalista, propicia a ocultação, ou pelo menos o desvanecimento do próximo, do contíguo, diante do domínio do olhar distante, ausente e muitas vezes vazio nos bairros residenciais que se implantam nos limites da cidade compacta do final do século.

Análise urbana da periferia

O curso termina com uma imersão num âmbito em que se visualizam as novas periferias onde o urbano se fragmenta, num território com uma multiplicidade de iniciativas diferentes que têm em comum os padrões desreguladores da lei do mercado assumidos acriticamente a partir de uma administração pública cada vez mais debilitada.

A desregulamentação do planeamento e com ela a colocação sobre a mesa da ‘proposta-

enganadora’ da crise do plano, permite situar o aluno diante do desafio da urbanística: o reconhecimento para a grande maioria da população da presença inevitável de uma ordem natural sobre a que se constrói o território e a cidade de acordo com as indagações da primeira fase dos trabalhos.

Esta nova situação permitirá uma nova questão urbana, a que devemos responder criticamente em termos de proposta projetual, em termos disciplinares, propondo alternativas em que os novos elementos urbanos e as relações entre eles potenciem uma ideia de cidade como um projeto coletivo.

Referências

Caniggia, G. (1976) *Strutture dello spazio antropico. Studi e note* (Uniedit, Florença) (2ª ed., 1985, Alinea, Florença).

Tradução

O texto original foi traduzido para Português por Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro, que agradecem a Xose L. M. Suarez a disponibilidade permanente.

Curso de Extensão em Morfologia Urbana, Belo Horizonte, Junho 2015

Realizou-se entre 12 e 22 de Junho, na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, o ‘Curso de Extensão em Morfologia Urbana’. O Curso coordenado pela Prof. Stael de Alvarenga Pereira da Costa contou ainda com o contributo dos professores Cristina Teixeira, Karin Meneguetti, Karina Machado, Manoela Netto, Marieta Maciel, Marina Salgado e Vítor Oliveira.

Ao longo dos seis primeiros dias, os participantes (com diferentes formações, atividades profissionais e proveniências geográficas) puderam contactar com um conjunto de teorias, conceitos e métodos de diferentes abordagens morfológicas, com destaque para as escolas Conzeniana e Muratoriana, e incluindo ainda a sintaxe espacial. Este período inicial de aprendizagem estruturou-se essencialmente num conjunto de apresentações teóricas e em seminários de discussão de textos fundamentais do corpo teórico da Escola Conzeniana e da Escola Muratoriana.

No fim-de-semana de 20 e 21 de Junho,

professores e estudantes descolocaram-se até a cidade de Tiradentes. Foram então constituídos nove grupos de trabalho que ‘receberam’ três territórios distintos, incluindo não apenas o centro histórico da cidade mas também os grandes vazios urbanos e as áreas mais periféricas. Perante um caso de estudo específico, cada grupo pode aplicar um dos conceitos ou métodos que tinham sido expostos, e discutidos, na semana anterior.

No início da semana, de regresso à UFMG, cada grupo teve oportunidade de partilhar com os colegas o processo e os principais resultados da aplicação do conceito ou método selecionado. Esta troca de experiências lançou ainda as bases para a continuação do desenvolvimento da aplicação durante o mês seguinte. No final deste período, cada grupo deverá produzir um texto que será integrado num *ebook* reunindo os principais elementos deste Curso.

Vítor Oliveira, CITTA, Universidade do Porto, Rua Roberto Frias 4200-465 Porto, Portugal. E-mail: vitorm@fe.up.pt